

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO-EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro. — Ação Católica, Antônio Toscano. — Indo-Americanismo, Augusto Duque. — O Sindicato e suas finalidades, Silvino Lira. — O sentido Nacionalista da Obra Alencariana, Mário Pessoa. — Nada de Novo, Vicente do Rêgo Monteiro. — O Problema do lar proletário, Dalton Belfort de Mattos. — Reoir, Gino Severini. — O ensino profissional na Alemanha, Rodolfo Fuchs. — Música, Vicente Fittipaldi. — O Brasileiro, Clovis Chaves. — Sinal branco nos limites do céu, Cleodon Fonseca. — Direito Novo, Jorge Abrantes. — Caminhos Erracos, Pe. Antônio Alves. — Poesias. — Irrigações. — Bric-a-Brac. — Parabuco há 70 anos. — etc.



Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.^o

RECIFE

S. ANTÃO. — Pintura de Sassetta, da Coleção P. L. de New York.
(Vide página 22, Nossa Capa).

EXPEDIENTE

"RENOVAÇÃO"

Orgão de Ação Educacional Proletária
Direção — Edgar Fernandes e Vicente do
Rêgo Monteiro

RUA DO BOM JESUS, 207 - 2.^o andar

Número avulso	1\$000
Número atrasado	2\$000
Assinatura para 24 números :	
Na capital	30\$000
No interior	35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente
Os originais literários enviados á

"RENOVAÇÃO"

Não serão devolvidos, ainda que não
sejam publicados

BRUNO, VELOSO & Cia.

Comissões. Consignações e Conta Própria

Depósito de sacaria nova e usada de açúcar, café, cereais
caroço de algodão, anilagens e Algodão
em peças.

End. Teleg.: BRULOZO

Telefone n. 9292

RUA BARÃO DO TRIUMFO N.^o 196

RECIFE

A MOBILIADORA

DE

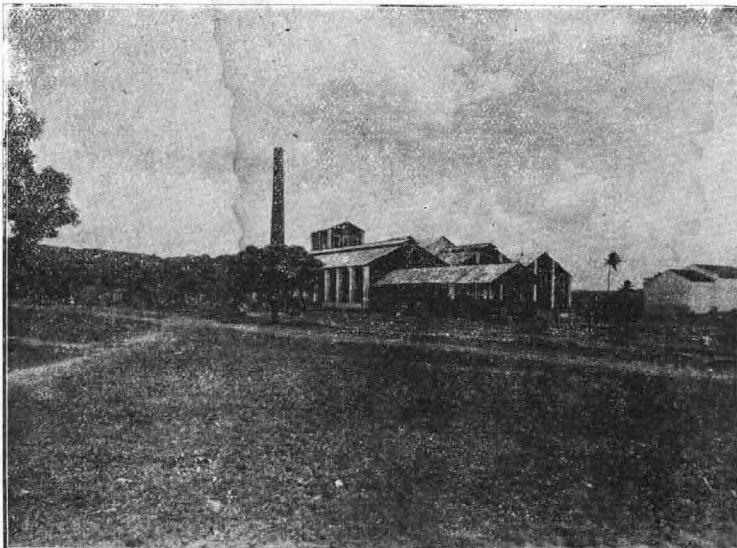
Mauricio Kaufman

ELEGANCIA. ECONOMIA E CONFORTO.
Completo sortimento de móveis de estilos modernos, dos
melhores fabricantes do Paraná e do Estado.

Variado sortimento de móveis estofados. CAMAS PATENTE
(TAPEÇARIA E COLCHOARIA)
Facilita-se o pagamento,
EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Rua da Imperatriz, 57. — RECIFE

USINA NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS



Propriedade da Companhia Açucareira
de Goiana

Produção: 150:000 Sacos de açúcar e
1.500.000 litros de álcool.

End. Tel: PERYLO

GOIANA — PERNAMBUCO —
BRASIL



RENOVAÇÃO

Está empenhado o Governo em zelar pelo bem estar e pela saúde das mães e das crianças brasileiras.

Nenhuma preocupação mais patriótica e humana do que esta que o Presidente Getulio Vargas transmitiu á Nação, em seu discurso da véspera de Natal.

Problema da mais alta relevância, por isso que ligado ao progresso material e moral da Pátria, é o amparo á maternidade e a infancia uma dessas iniciativas do poder público que não pode deixar de repercutir profundamente na consciência cristã do nosso povo.

Precisamos formar gerações vigorosas, capazes de assegurar a prosperidade crescente da nacionalidade. E' este o pensamento do Chefe Nacional e a ele deve corresponder o sentimento de colaboração de todos os bons brasileiros.

Enfim, está iniciada a campanha em defesa da juventude da Pátria. A ela ninguem, por certo, ficará indiferente.

E a indiferença seria um crime.

AÇÃO CATÓLICA

Antônio Toscano

A VIDA do homem tem avanços e recuos que explicam a sua agitação em busca do futuro. Pobre ou rico, letrado ou não, o homem sente impulsos, indecisões, choques e entre êstes fatos constantes e inevitáveis procura satisfazer as ambições suscitadas pela natureza de uma criatura que, naturalmente, sente, pensa e quer alguma coisa.

Justamente, é essa triplicidade de fenômenos psicológicos que o indivíduo precisa de estudar e compreender para que possa objetivar o seu destino. A cultura é que poderá fornecer esclarecimentos que dissipam as dificuldades e solucionam o problema complexo da vida do homem.

Só a inteligência bem formada será capaz de orientá-lo no arriscado caminho que tem de palmilhar aqui na terra.

Eis o motivo por que insistimos em educar e instruir o operariado, pois sómente com às luzes de uma bem apurada educação sé poderá conseguir uma melhor situação no futuro. Ensinar o operário a viver de um modo simples e honesto é o maior bem que lhe podemos augurar.

O destino do homem não está fora de suas qualidades, nem de suas possibilidades. Pelo contrário, depende exclusivamente da sua dignidade pessoal, das suas aptidões, da maneira como ele se conduz na sociedade. O despreocupado, o comodista, o pessimista ou o convencido, só triunfarão por um mero acaso.

Mas, o homem que é cumpridor de seus deveres, atencioso para com superiores e companheiros, prudente em suas ações, moderado em seus costumes, respeitador de sua fé, amigo do trabalho e da honra, este encontrará sempre aberta a estrada da felicidade pessoal.

Precisamos é de ter ação e caráter.

O trabalho social deve atender a essa máxima finalidade que é a formação individual, em função do bem estar coletivo. Outra intuição que se faz necessária é a do exemplo e da coerência, complementos essenciais da ação. A virtude que pregamos; a solidariedade que exaltamos; a caridade social em nome de que falamos; o amor à Pátria e a obediência às leis divinas e humanas, tudo isso são palavras, idéias que significam um programa a ser cumprido.

Em resumo, devemos ser coerentes.

Coerentes com as nossas palavras, com a nossa convicção, com os nossos gôstos, enfim, com a função social e com a crença que abraçamos. A coerência deve estar sempre unida à ação.

Não é de mais repetir que a Ação Católica precisa de católicos decididos para o seu apostolado social, uma vez que lhe está confiada a grande e incomparável missão de salvar a civilização contemporânea. Tôdas as classes sociais, na época em que vivemos, têm de decidir-se porque a ninguém é permitido permanecer indiferente e perplexo diante da vertigem e generalidade com que se veem desenrolando os acontecimentos.

E em torno da idéia, superiormente concebida, do aperfeiçoamento do homem em Cristo e para Cristo, não há, nem pode haver meio termo. E' decidir-se o único caminho a seguir.

A Ação Católica viza, justamente, instruir o homem nos seus deveres e dar-lhe vida sobrenatural, unindo-o ao seu Criador.

E' preciso, pois, que os Estatutos da A. C. Brasileira sejam bem estudados para que possamos melhor realizar o apostolado oficial da Igreja.

"MAGGY"

Reapareceu em

4.ª Edição

A história risonhamente dolorosa, intensamente dramática, duma jovem normalista dos nossos dias. Inteligente, formosa, com todo um mundo de esperanças a sorrir-lhe às portas do coração, sacrifica essa jovem, após ingentes lutas com o próprio Eu, a sua mocidade, os seus amores, a sua carreira, a sua saúde e, por fim, a sua vida em prol dos operários comunistas, dos pauperrimos bairros de Liège.

Maggy nem parece ser do nosso planeta...

É estupenda a força de vontade que vai por essa alma de vinte primaveras!

Sobrehumana a energia com que esta donzela, sempre alegre e espíritoosa, consegue os seus ideais.

Sacerdotes do Brasil! educadoras católicas! dirigentes do movimento Jocista! amigos do operariado! não podeis fazer coisa melhor do que entregar um exemplar d'este livro às vosssas educandas e tuteladas. Aqui tendes o Cristianismo vivo, heroicamente vivido e sofrido, por uma jovem profundamente realista e altamente idealista.

Maggy do Brasil! conhecêi, admirai, imitai a vossa inclita amiga e padroeira!

PREÇO DO VOLUME: 8\$000

Cruzada da Boa Imprensa — Caixa Postal, 3.371
Rio de Janeiro.

INDO-AMERICANISMO

Por AUGUSTO DUQUE

Com esse nome apareceu no nosso continente notadamente no Chile e no Perú, com reflexo em outras nações vizinhas, um movimento de idéias, insinuante, a que pelo seu sentido expressional e chocante, nos sentimos arrastados, poderosamente. Pareceu um sadio chamamento das novas gerações, pela criação de algo original em nosso continente. A primeira vista, inspirou uma profunda simpatia e mobilisou toda a nossa afetividade continentalista. Pareceu de uma oportunidade imensa, dada a necessidade inadiável de criarmos uma técnica de vida, de pensamento e de arte. Pagões de um americanismo de fato, justo e verdadeiro, imediatamente, sentimos-nos enamorados pelo Indo-Americanismo.

Porém, a nós nacionalistas e cristãos, afeitos à luta com os mais sutis inimigos, em seguida à primeira fascinação coube um momento de reflexão e de exame. Recebemos as primeiras publicações indo-Americanistas. Analisámos os seus princípios orientadores. O seu programa. A sua terminologia. E, tristemente, chegámos a uma grave conclusão: o Indo-Americanismo na forma como é exposto e defendido em "Itinerário de América" (Buenos Aires — Julho de 1939) é um movimento comunista. É força de vanguarda das idéias vermelhas. É a mesma técnica subversiva das nossas frentes negras, num sentido maior, mais inteligente e mais util.

Os inimigos da civilização cristã não descansam. Vestem mil disfarces. Porque a maldade humana é imensa. Uns idealistas, outros inconscientes ou maus, em todos os sentidos, formam uma força que valendo-se de um arcabouço ideológico poderoso ameaçam a estabilidade social e aquilo que de mais digno possuímos.

Assim, todo esforço não é bastante, toda a bôa vontade é pouca, no combate ao comunismo. Porem, o combate efetivo e definitivo é no campo espiritual, em correspondência com os processos sociais. É no terreno das idéias. É com a idéia de justiça em todos os sentidos, de justiça integral, que podemos combater eficazmente o comunismo. Unicamente as cadêias, os chicotés e os fuzis rebelam o espírito e o tornam indomável. Os meios devem ser da mesma natureza dos fins. Não se constroi uma ponte com pensamentos ou com silogismos, somente. Do mesmo modo não se combate uma idéia, unicamente, com recursos materiais. As necessidades humanas, aprendemos em Gide, são concorrentes. Não po-

tem desaparecer sem serem substituídas. Até idéa, achamos, é uma necessidade humana. Logo: não podem desaparecer sem serem substituídas. É anti-humano. E mutilação.

Achamos, que o Indo-Americanismo caracteriza a nova feição de atividade comunista que é a de formação de comunismos locais, num aproveitamento das idiosincrasias particulares e nacionais, que o Soviet não soube, nem pôde transpor. É a exaltação do sentimento nativista ao extremo, do particularismo nacional num sentido pernicioso.

No Indo-Americanismo estão bem claros os propósitos e origens subversivos São:

a) presença do embusteiro internacional **Haya de La Torre**, líder do aprísmo, primeiramente denunciado de modo espetacular como comunismo pelo "Diário do Nordeste", o que foi confirmado pelos fatos posteriores;

b) a designação de fascista para toda cultura comumente chamada espano-americana, chamando de reacionários às suas autoridades políticas e intelectuais;

c) exaltação exagerada e anti-cristã do paganismo indianista, com o esquecimento completo e, mesmo, hostil das verdadeiras fontes da vida continental, morais e espirituais;

d) incitação à luta integral contra tudo que se relacione com a Espanha e a latinidade, numa nova modalidade de luta de classe, certamente para criar um ambiente próprio à subversão social;

e) emprêgo não de todo disfarçado da terminologia tão bem conhecida, sempre usada pelos comunistas em seus mil disfarces.

Poderíamos nos alongar. Mas, basta. É mais uma tentativa de subversão vermelha nas terras cristãs da América.

O indo-Americanismo é um conjunto de princípios, de idéias ainda um pouco indefinidas, de peculiaridades, que baila nos ares, que nos torna ansiosos, inquietos, nessa sede moça e forte de uma civilização própria e máscula que pretendemos criar no continente. Tudo ainda algo indefinido. Um pouco confuso.

Aproveitando-se dessa situação, desse estado de pensamento ainda, podemos dizer, larval, o comunismo pretende, certamente, defini-lo a seu modo, em seu projeto, utilizando-se o que de força latente existe no conjunto das energias adormecidas do homem americano.

Assim, o nosso indo-Americanismo é outro. É americanismo bom e verdadeiro. Buscamos as fontes indígenas, sem decair no paganismo indianista anticristão, de exaltação deturpada ao serviço das idéias vermelhas.

E' esse o nosso indo-Americanismo.



O Sindicato e suas finalidades

Silvino Lyra

A INTEGRAÇÃO das forças econômicas no Estado, se impõe como uma inadiável necessidade.

E o Sindicato, como expressão representativa dos grupos naturais que se denominam econômicos, não pôde, em absoluto, alheiar-se da vida do Estado.

E' necessário que ele seja olhado como uma parte do próprio Estado, mesmo porque, oriundo da contingência imposta pela luta entre os diversos grupos econômicos, do capital e do trabalho, ele carece de uma força disciplinadora á sua ação, bem como se lhe é imposta a cooperação e auxílio constantes aos que procuram o seu amparo.

Pois, em caso contrário, fóra da órbita do Estado, vemo-lo não mais como um órgão de defesa, de coordenação de direitos ou fator de equilíbrio social, mas elemento de discordias sucessivas quando fazendo ca melotage de pseudas reivindicações proletárias, o que, vem apenas colocá-lo a serviço do marxismo dissolvente. Assim, é a arma perigosa a serviço dos eternos aproveitadores ou o elmo onde se acobertam os agitadores de todas as estirpes. Quando fora de sua finalidade, aparece-nos o Sindicato como pluralista e reacionário, foco de agitações e inteiramente alheio ao espírito sadio das organizações protecionistas do trabalhador.

Como órgão de cooperação com o poder público, ou organização paraestatal, realiza uma melhor identidade. Contudo, não é o suficiente. E' preciso que ele se transforme em um órgão de Direito Público e seja o meio onde se resguarde o Estado, do calor das contendas sociais.

E' necessário que o Sindicato, como mecanismo técnico, seja o grande realizador da ação disciplinadora do Estado, bem como o intermediário imediato das soluções aos vários problemas das classes diversas que constituem a nação.

Urge, sobretudo, que ele seja olhado totalmente, mesmo porque contém o homem que possue vários aspectos.

E' necessário, por consequência, que todos esses aspectos do homem sejam encontrados na sua sociedade profissional.

Porque não é somente resolvendo os graves problemas oriundos da concorrência através dos contratos coletivos de trabalho e prestando a assistência necessária ás reivindicações dos direitos dos laboriosos, ou ainda, cooperando com o Estado nessa parte, que terá o Sindicato atingido a sua finalidade.

E preciso a sua identificação com os seus elementos constituidores, dando assim ambiente ao obreiro que procure a sua proteção.

O Sindicato, por conseguinte, representando uma sociedade natural imperfeita, tem que prepará-la através das suas unidades, os individuos, á sociedade civil

ou sociedade natural perfeita, que é a nação. E o homem que não é somente um fator econômico por excelência no aproveitamento das riquezas, porque é também espírito, é cívico porque é guerreiro, é intelectual, é moral, é econômico e é movimento na melhoria constante dos seus conhecimentos, aspirações e atitudes, tem que ser ambientado á sua associação, porque é dentro dela, no grupo de sua profissão dentro da célula política, o município, que se desenvolve toda sua vida.

Por isto, é necessário que o Sindicato se fundamente no tríplice alicerce que caracterisa o homem:

Espiritual
Moral
Material.

Logicamente, esse deve ser o seu fundamento.

E á essa parte, se evidencia a necessidade de ser facultada ao Sindicato, a representação política, que, aliada á econômica, identificará o homem em função do grupo, junto aos poderes estatais, tornando este último em pleno conhecimento das necessidades da nação. E, por outro lado, a Igreja em cooperação com o Estado, através da sua doutrinação, procurará educar o homem num sentido mais transcendente.

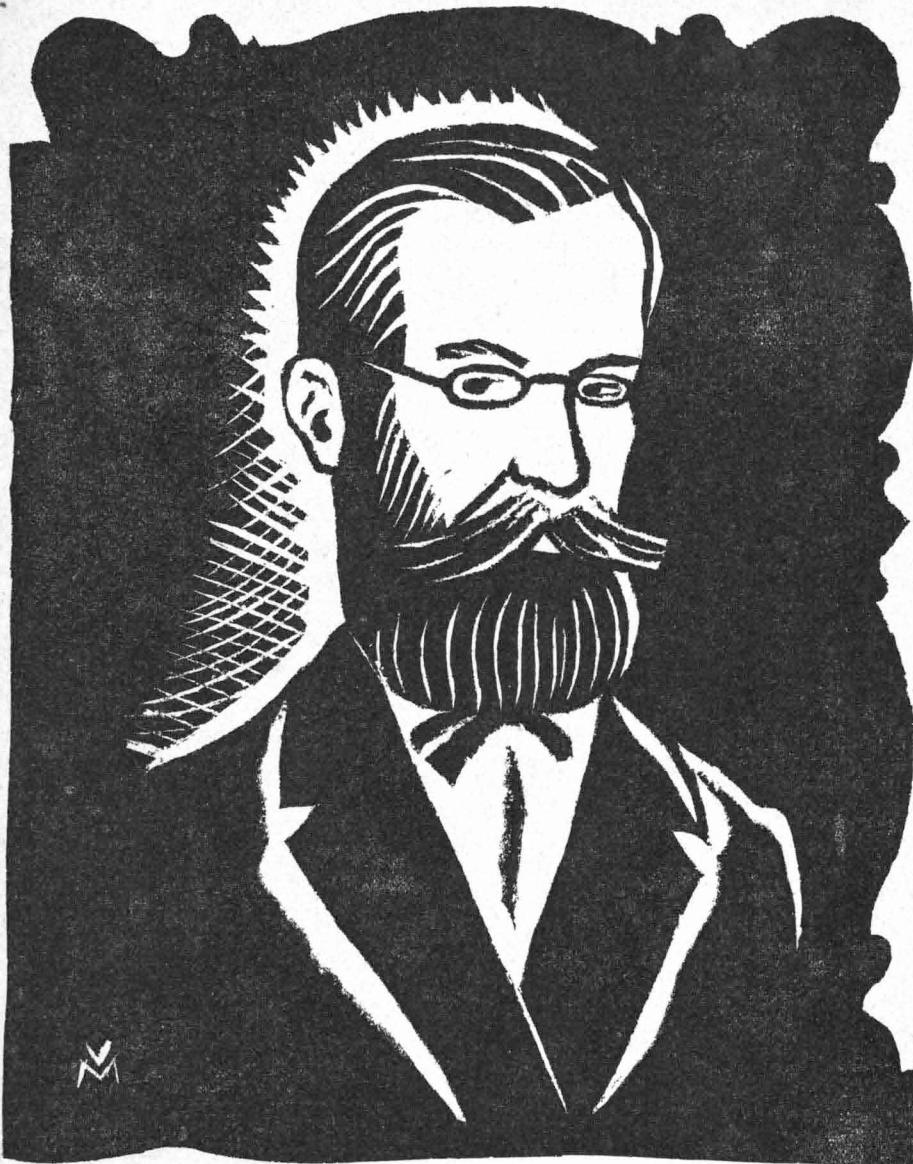
Pois, incontestavelmente, não pôde haver moral sem religião e jamais será possível a prática da justiça sem os princípios morais que a fundamentem.

Ainda, justificando esse aspecto espiritual, veja-se no impositivo da própria vida, — da ânsia de perfeição projetar-se primariamente os fatores econômicos, seguidos imediatamente dos espirituais. Para exemplificar, cite-se a própria Bíblia, quando afirma que nem só de pão vive o homem. Nessa afirmação, afloraindestrutível a opinião de um grande pensador patrício, que diz: "até mesmo para o homem cuidar dos seus predicados espirituais, faz-se mister uma base econômica individual familiar.

Em resultante, pode-se caracterizar a ação do sindicato, apesar de sua feição técnica e inteiramente lógica, pelo seguinte:

Formação religiosa
Formação mental
Formação moral, através de um código do trabalhador
Representação Política
Representação Econômica
Assistência econômica individual e familiar
Seleção profissional dos filiados
Orientação profissional dos filiados
Estudo de capacidade e tendências dos filiados, etc.
De base municipal ou distrital, o Sindicato com a feição acima exposta, atinge a sua finalidade suprema e, de fato, ambienta á nação e ao Estado, os que nêle buscam o necessário a minorar as agruras da vida.
O mesmo espírito que o homem encontra no ambiente familiar, deve ser encontrado no seio do seu órgão representativo, que é uma grande família também.

(Continua na pagina 29)



*O Sentido
Naciona-
lista
da
Obra
Alencari-
ana*

Mário Pessôa

(Para "Renovação")



JOSÉ de Alencar é o romancista brasileiro que melhor soube traduzir, artisticamente, o velho preceito de que o homem é um pormenor da natureza e que somente esta, pelo seu deslumbramento, pode impressionar-nos. Em qualquer época onde exista um temperamento análogo ao seu, sempre as grandes perspectivas serão o motivo exclusivo da arte. Parece que considerou mesmo esta ultima como um aperfeiçoamento à natureza. De forma alguma os borrões de certos pintores materialistas poderiam fazê-lo perder tempo em discuti-los. Ele foi o cantor das nossas inegualáveis manhãs tropicais, onde se desenha, a plenos traços, um concerto maravilhoso de cores e de luzes. A sua natureza não era todavia a bucólica dos arcadianos, mas a tumultuosa. Ele é o grande instantaneista das cóleras elementares da

Terra. O gosto do pormenor revela a meticulosidade desse esplêndido fotógrafo literário, que sabia substituir o magnésio de quantos sujeitos impertinentes, que existem em certas solenidades, pela ação rápida e inesperada do génio. O ambiente, as causas primárias e indiretas do fato básico dos seus romances, são descritos com aquele geito extraordinário de dizer as coisas, sem afetação, sem desejo de escandalizar, mas revelando um novo estilo, algo de inimitável, que estabeleceu definitivamente os delineamentos históricos da literatura brasileira.

Em Alencar há muita docura, docura puríssima, sem o traço dos assucareiros de segunda ordem. Podemos passar um dia completo a saboreá-lo mesmo assim não

(Continua na página 26)

NADA DE NOVO

Por Vicente do Rêgo Monteiro



ADA de novo debaixo do sol; os Estados fortes, os Estados totalitários, ou mesmo as fortes democracias, criando os Departamentos Nacionais de Propaganda e Turismo, apenas renovaram o que já faziam os gregos por intermédio de seus escritores e poetas, que cantavam em prosa e versos as belezas naturais do seu país, incitando os seus patrícios às viagens, despertando-lhes o desejo turístico.

Homero foi o grande arauta do turismo na antiguidade grega. Dotado de rica imaginação, de grande sensibilidade e de uma memória vasta e de um julgamento seguro, Homero além do seu valioso indiscutido de poeta, foi um grande turista, o viajante incansável cantando sempre as belezas naturais de sua pátria, as suas grandes vitórias e os seus deuses. Em cada poesia em que passava ia despertando o apelo à descoberta, às viagens, ao turismo, pelo encanto descriptivo de suas paisagens sonoras de ritmos.

Temos em seu hino a Apolo de Délos, algumas descrições geográficas em que desenha os grupos de ilhas e continentes, tudo em cores vivas, pitorescas, onde o imponente exalta aos olhos do leitor.

“Egina e Eube, célebre pelas suas naves, Ege, Iréssia e a marítima Peparete; Atos, Samos de Traça e os cimos do Pélio; as montanhas arborisadas de Ida, Imbros, com os seus edifícios distribuídos ao longo do litoral; a inacessível Lemos, Chio a mais linda ilha do arquipélago; a Mimas escarpada e os picos do Córince; Claros, que deslumbra os marítimos, e Ésage, cujo olhar procura o vértice no céu; Samos, banhada de seus arroios, e o monte Mical com os seus degraus de colinas”.

... “Logo Délos se reveste de ouro como uma montanha coroada de florestas. É nessa ilha que se reúnem os Ionios (habitantes de Smirna) de amplas vestimentas, com os seus filhos, e suas castas esposas. Vendo-os reunidos em frente ao templo, temos a impressão de seres imortais isentos da velhice. A alma alegra-se contemplando a beleza dos homens, a estatura majestosa das mulheres, suas naves velozes, suas maravilhosas riquezas”.

Em Roma, Caio Cílio Mecenas, amigo do Imperador Augusto, que tinha as funções de chefe do Serviço de Propaganda do Regime, reuniu em torno do Imperador uma pléiade de homens inteligentes e hábeis, incentivou as artes e as letras, moldando ao Estado um novo sentido integral de cultura.

Esse extraordinário precursor da racionalização e da economia dirigida, concentrou nas mãos do Estado as alavancas do sucesso, dando um tal relêvo à sua atuação que, a sua época ficou sendo considerada a

“Nil novi sub sole”
Palavras de Salomão. (Eclesiastes I, 10).

idade de ouro da literatura latina, e o seu nome passou a posteridade como o sinônimo de protetor das Artes e das Letras.

De sua orientação lhe devemos as célebres “Georgicas”, que Virgílio escreveu procurando desenvolver no coração da massa o gosto pela agricultura. Já naquela data, uns vinte anos antes de nossa era, o problema ruralista atormentava os romanos. O nosso Rumo ao Oeste tinha o seu equivalente na luta contra os bárbaros e na dificuldade de radicação dos camponeses à gleba, facilmente atraídos pelos gordos salários da vida militar e os atrativos das grandes urbes.

Com as “Georgicas” ou os trabalhos da terra, poemas didáticos em quatro cantos, Virgílio penetrado de amor e de inteligência pela Natureza, compôz a mais deliciosa poesia de economia rural.

Virgílio recomendava o afolhamento bienal ou de dois anos, nas regiões pobres e nas regiões ricas. O descanso, e prática da rotação da cultura.

A irrigação e o adubo já eram empregados no tempo de Virgílio:

“O que direi daquêle que semeia o grão nos campos ?

Ele volta logo ao seu trabalho, quebra os torrões ressecos, em seguida irriga as sementes por meio de canais dirigidos; e quando a herba do campo se desseca e morre queimada, no rigor do verão, ele surde dos rochedos a água da colina. Que na sua queda faz ouvir seu murmúrio sobre os lagedos e refresca com suas cascatas as áridas campinas”.

“Deixe um ano sobre dois, descansar o solo depois da colheita, a terra em abandono retomará, inculta, novas forças. Ou então, semearás, na mudança da estação, o trigo cor de ambar, ali onde colhestes a fava gorda da vagem barulhenta, ou os finos ramos da ervilhaça, as hastas frageis e as folhas ruidosas do triste tremoço. Visto que a colheita do linho escaldá a terra, como a da aveia e das dormideiras carregadas de sucos entorpecentes. Ela só pode ser feita uma vez todos os dois anos; sobretudo não hesite de fornecer à terra pobre estrume rico, e de espalhar cinza comum nos solos esgotados.

“Desse modo o solo descansa pela alternativa dos semeos; mesmo porque, sem a lavra, a terra não fica improdutiva. As vezes também é útil incender um campo estéril e de queimar nas chamas crepitantes o restolho leve; as terras recuperam então o vigor desaparecido e os sucos abundantes”.

Todos os problemas de hoje foram por Virgílio abordados, criteriosamente. A policultura, a criação e a medicina veterinária não eram desconhecidas ao poeta; tão pouco a influência dos astros sobre os vegetais, o emprêgo do enxofre adicionado à bôrra amarga do azeite de oliveira para a cura da sarna das ovelhas, e a vidas das abelhas.

O grande exemplo de Virgílio devia estimular os nossos jovens poetas, para um pouco mais de amor ao cultivo da terra, ao menos em poesia...

O problema do lar operário

Por DALMO BELFORT DE MATTOS

(Secretário de Estudos e Ação Social da Federação de Círculos Operários de São Paulo.)



PROBLEMA do lar operário está na "ordem do dia". Estudam-no os economistas em vários pontos do País. Combate-se o "mocambo" no Norte, a "favela" no Rio, o "cortiço" em outras cidades do interior. E constitue para todos uma verdade indiscutível que o trabalhador deve ser melhor abrigado, em habitações mais higiênicas.

O mesmo se dá em França, em luta contra os "taudis", que se levantam nos subúrbios das grandes cidades industriais. Afirmam todos que o operário deve morar em um meio mais salubre, e ser proprietário do seu lar.

O primeiro aspecto foi estudado entre nós, por Evaristo Leitão, Romulo Cavina e João Palmeira, no "Boletim do Ministério do Trabalho" e pelo Interventor Agamenon Magalhães, comentando o inquérito sobre os mocambos do Recife.

Mostraram todos o erro do trabalhador, que procura quasi sempre a beira do rio, lugares encharcados, onde existem a maleita e o "amarelão" em estado permanente. Provaram, também, os defeitos da habitação rural, coberta de palha, sempre apodrecida e cheia de buracos, por onde entram as grandes chuvas.

Preferimos debater o outro lado da questão: — a vantagem de que o "lar operário" seja habitado pelo dono. Isto é: que cada pessoa possua o seu próprio tecto.

Leão XIII, o grande papa, foi o primeiro a se interessar pela questão, em sua encíclica "Rerum Novarum":

"Quando o operário recebe um salário suficiente "para se manter com sua família com certa folga", diz "ele, "si é sensato, pensará logo em seguida, como tendência natural, economizar alguma coisa afim de que "com isso possa um dia adquirir uma pequena propriedade".

E mostra, logo depois, as vantagens que decorrerão deste fato:

- 1.) Maior amor e alegria no trabalho;
- 2.) Afeição pela terra que cultiva (e, naturalmente, pela casa, que possui);

3.) Fixação do homem á terra natal, impedindo que vá procurar fortuna em regiões distantes.

Não escapou ao grande Pontífice, o perigo representado pela "proletarização" do trabalhador: o mal que há nessas grandes massas que nada possuem, a não ser a ambição de uma vida melhor.

Leão XIII previu as consequências que dali viriam: atração pelas cidades, e abandono dos campos; formação de grandes levas de imigrantes, sempre insatisfeitos. Compreendeu que esses operários sem lar próprio seriam preza facil para os agitadores políticos e sociais.

Como atingir o lar operário

O grande Papa era, porém, observador. Verifica-va que o trabalhador só poderia ter sua pequena propriedade, se

1.) o salário fosse bastante para mantê-lo e á sua família;

2.) se as leis facilitassem a aquisição.

Leão XIII via que, enquanto vigorassem os "salários de fome", enquanto existissem impostos pesados sobre a propriedade, o operário teria de contentar-se com morar em pequenos prédios alugados.

A palavra pontifícia foi ouvida, no entanto. Diversos países modificaram suas leis, no sentido de favorecer a compra do "lar operário". Associações sociais-católicas formaram "bolsas" para empréstimos com êste fim, ou constituíram "cooperativas de crédito" para reunir o capital necessário.

Entre nós

A situação, entre nós, não é das melhores. O inquérito, feito nos bairros operários do Recife revelou que, dos 45.581 mocambos existentes, apenas 23.449 são próprios. E destes, 19.486 pagam aluguel do chão em que foram levantados!

Ainda não é tudo. O valôr médio do mocambo é, apenas, 424\$300, ficando o maior número deles entre 200\$ e 300\$. E, embora, como muito bem frizou o Pe. Leopoldo Brentano, esses mocambos já representam um esforço para uma melhoria econômica, não devemos extranhar que a maioria seja de terra, com ligeira cobertura de palha...

(Continua na pagina 25)

RENOIR



Por GINO SEVERINI

E todos os pintores de sua geração, Renoir é sem dúvida o mais completo.

Esta idéia se impõe no meu espírito enquanto olhava, guardando o devido respeito que devemos a obra de Cézanne.

Admirava nesse pintor a harmonia do "tom" e da "côr"; mas pensando em Renoir, tive de constatar que, desde Manet, somente ele soube restabelecer a síntese dos três elementos constitutivos da pintura: a linha, a côr e o tom.

Só Renoir, na sua época realizou esta concepção da "pintura" que encontramos nos Venezianos, nos Flamingos, e em certos Florentinos.

Mas, ainda hoje, mais de um, como aquêle entendido do qual fala Vollard, exclama-se num ar de pesar: "Que pena Renoir não associar ao seu prodigioso colorido o desenho de Bouguereau!" Mas o que é o desenho? Existe para o "pintor" uma concepção especial, isolada, do desenho, fora da pintura? Não é admissível. O grande segredo consiste de criar um desenho para o seu colorido, ou a côr para o seu desenho, somente à esta condição se realizará uma "forma" no sentido puramente pictórico e também no mais elevado e geral da arte. Ora Renoir soube indiscutivelmente inventar seu desenho, as vezes excessivo, sempre completo, massivo como arquitetura gótica, tão verdadeiro e tão sólido como as estatutas da catedral de Chartres! Como foi possível esse milagre numa época de confusão como aquela de Renoir e a nossa? Certamente não foi o resultado do único gênio, mas numa boa parte o resultado de um verdadeiro bom senso e o que constitue uma virtude. Um exame mesmo rápido da obra de Renoir, desde as primeiras telas pintadas com betume sob as influências de Manet, até a época impressionista e as suas últimas produções revelam esse bom senso equilibrado por uma infinita modéstia ante as dificuldades da arte.

Renoir dizia: devemos entrar na fileira, "si não quizermos que a pintura sossobre definitivamente", e voltar à fileira significava reprender o "metier" que ninguém mais possuia.

Em 1883, no fim do impressionismo, como ele dizia, se achava num bêco sem saída. Pintar do natural segundo o método impressionista e mesmo o de Cézanne tornava a pintura complicadíssima com a qual

era necessário trapacear constantemente. Visto que era obrigatório ter em conta os reflexos e as luzes especiais ocasionadas pelas árvores, pelo sol, etc., além disso, essa corrida ao encontro do "efeito", colocava-os na impossibilidade de compôr, de "pensar" o quadro.

Ele separou-se daquêles jovens, cheios de boa vontade, que fôram os impressionistas, consciente das fraquezas que existiam sob essas proezas de "novidade", acabou ficando quasi tão hostil quanto Delacroix aos pseudos novadores! Para um pintor, "vale unicamente o ensino dos museus"; entenda-se ensinamento bem compreendido, refletido e não a cópia apressada e superficial das aparências. A descoberta fortuita, num cais do "Seine" em Paris, do livro de Cennino Cennini, desciu certamente do futuro de Renoir. E começou para ele um novo período de proezas técnicas, durante as quais desenhou a bico de pena os menores detalhes antes de pintar, por desacato aos impressionistas, dizia, chegando a pecar por excesso de exatidão e dureza. Durante algum tempo obteve-se a imitar o afresco com a pintura a óleo, todavia reconheceu ter cometido um erro fundamental. Como conseguiu ficar senhor de sua técnica e de seus "meios", isso se evidencia pela esplendida florescência de suas obras.

Possa o exemplo de Renoir, sua paciência, sua modéstia e sua prudência, servir de guia para os pintores de nossa época, tanto quanto é possível no caos dos apetites e das lutas morais, da vida sem trégua, mecânica e artificial, para a qual esse grande pintor tinha uma justa severidade.

GINO SEVERINI foi um dos fundadores do Futurismo Italiano, dessa força suprarrealista que associou-se o Fascismo na sua marcha ascensional ao poder. Severini cedo se desligou da massa futurista pagã, como o seu equivalente em literatura Giovanni Papini.

Severini como Papini ingressaram no futurismo seduzidos pelo espírito novador e impetuoso da nova escola, e ali encontraram o caminho aberto aos seus desejos de liberdade absoluta. Todavia, desiludidos desertaram das milícias futuristas, onde reinavam as pequenas capelas, os clans, a estreiteza de espírito e a limitação de juízo crítico, para realizar a grande obra humana do individual e do coletivo em Cristo.

A grandiosa *História de Cristo* de Giovanni Papini é bastante conhecida dos nossos intelectuais, porém de Gino Severini, o místico decorador da Igreja de Semsales na Suissa, pouco conhecido entre nós, julgamos interessante traduzir um de seus artigos escrito em 1924, sobre Renoir, o grande mestre saído do Impressionismo, onde assistimos sua crise íntima através do caso "Renoir", o grande sinaleiro numa época de confusão.

O Ensino Profissional na Alemanha

Prof. RODOLFO FUCHS



OI na Alemanha que o regime corporativo das profissões alcançou o maior aperfeiçoamento e onde perdurou mais tempo. Na França, antes da grande Revolução, já havia sido introduzida a liberdade profissional, pelo ministério Turgot, em 1763. Os alemães, porém, somente em 1808, realizaram essa grande miragem do liberalismo.

Mas o hábito multi-secular foi mais forte do que a lei e, embora sem a sanção legal, continuou de pé, na maioria dos Estados alemães, a antiga praxe da formação profissional dos aprendizes, herdada das corporações. Pode-se, até, afirmar que estas, realmente, nunca deixaram de existir. Destituidas de suas prerrogativas legais, mantiveram-se sempre como órgão de classe e, com a revolução nacional-socialista, reviveram com tal vigor, como se nunca tivesse havido a menor interrupção na sua existência.

As normas do regime corporativo dos ofícios exigiam que a formação profissional do aprendiz ficasse a cargo do mestre, em cuja companhia ele até passava a viver. A duração do aprendizado era variável e, quando julgado apto pelo mestre, o aprendiz passava à categoria de oficial, podendo, depois de longo tirocínio adquirido no trabalho profissional, nas viagens e nos negócios do seu patrão, submeter-se à prova de mestre. Com a conquista desse título abriase-lhe a possibilidade de estabelecer-se por conta própria, de manter aprendizes e, em alguns casos, de contrair casamento.

A formação profissional transmitida pelo mestre, ótima sob vários aspectos, não deixava, porém, de apresentar um ponto fraco.

Os rápidos progressos introduzidos na técnica, pelo emprego da máquina, não mais podiam ser acompanhados e consolidados pela aprendizagem mesteral. Urgia dar-lhes fundamento racional, porque, mais e mais, intervinhama, nas operações profissionais, conhecimentos teóricos que a intuição do mestre, muitas vezes, alcançava e apreendia, porém, não era capaz de transmitir, em um ensino proveitoso, ao aprendiz. Por outro lado os ofícios desdobravam-se constantemente, tornando-se complexos demais para serem ensinados por um mestre, apenas.

Criaram-se, pois, para atender a essas exigências e também em consequência às idéias dos racialistas, a cuja frente estava Pestalozzi, as primeiras escolas profissionais. A princípio, para ensinar desenho apenas.

O desenvolvimento das primeiras escolas técnicas, denominadas "Fachschule", teria sido rápido, se a orientação dos neo-humanistas não tivesse contrariado a sua

O Professor Rodolfo Fuchs ex-membro do Conselho Legislativo e de Economia do nosso Estado, que durante a sua permanência entre nós tão grandes esforços empregou para tornar uma realidade a regulamentação do ensino profissional, de volta de sua viagem à Alemanha como representante do Brasil, no V.º Congresso Internacional de Ensino em Berlim, apresentou ao Ministro da Educação Nacional, um incisivo e criterioso relatório do qual extraímos os trechos seguintes, de grande interesse para os estudiosos do assunto.

evolução. Humboldt, que reorganizou a educação da Prússia, (1809/10), não as reconhecia como estabelecimentos capazes de educar a mocidade. Transmitiam, quando muito, uma educação de escravos, pois, o ideal que inspirou aquela pedagogia era o da antiguidade grega, de uma sociedade onde os homens só se deveriam dedicar ao culto do belo, do bom e da verdade e aos escravos incumbia realizar todo trabalho. Escapava, portanto, aos neo-humanistas, a compreensão da tarefa educativa até então já realizada, e do grande esforço que ainda restava realizar, para integrar, definitivamente, o trabalho como elemento principal na formação da personalidade.

Essa concepção anacrônica no século da máquina não produziu grande dano à nascente indústria alemã, que era guiada por homens formados pela oficina e que não se deixavam influenciar por idéias alheias. Mas causou, mesmo assim, prejuízo que ainda perdura, não só na Alemanha, senão ainda, mais fortemente, nos países latinos, através do preconceito de que o ensino profissional constitui um ramo da educação geral que nunca poderá ser equiparado no seu valor formativo da personalidade humana, ao ensino humanístico.

As primeiras escolas com caráter nitidamente profissional, surgem a partir de 1820. Nesse ano funda-se, em Munich, a "Escola das Indústrias de Construção". Seguem-na, em 1821, a "Escola Profissional da Província da Prússia"; em 1823, a "Escola de Jardinagem de Dahlem" e muitas outras, até constituir-se, em 1830, a "Escola Pública Textil" em Reichenbach. Depois aparecem as Escolas Comerciais e, em Baden, já se pensa, nessa época, na formação de professores para as escolas técnicas.

Mas, a compensação que a criação dessas e de muitas outras escolas técnicas, fundadas posteriormente, veio trazer ao deficit resultante da formação profissional facultativa do aprendiz, não foi suficiente. O artesanato e as corporações reclamavam o restabelecimento das velhas prerrogativas.

A regulamentação das indústrias da Prússia em 1845 já atendia, em parte, a essas reivindicações, que foram consolidadas pelo convênio da "Liga dos Estados Alemães do Norte", em 1869, segundo o qual ficava a critério de cada país instituir, compulsoriamente, o ensino profissional no seu território.

Com a unificação da Alemanha, em 1871, e a expansão industrial que a acompanhou, as escolas profissionais prosperaram rapidamente. Mas, até então, eram mantidas, exclusivamente, pelas corporações, sociedades e institutos, sem intervenção nem auxílio financeiro do Estado. No governo imperial as autoridades públicas não só estimulam e auxiliam a fundação de novas escolas, mas também subvenzionam, modestamente, as existentes e tornam, também, exigível, para o exercício de determinados ofícios, a frequência da escola profissional. Obra definitiva na legislação só foi

realizada pela constituição de Weimar de 1921 que, em seu artigo 145, instituiu o ensino profissional obrigatório. Faltaram, porém, os recursos ou a força para generalizar essa medida, pois alguns dos Estados que compunham a República Alemã não podiam aplicá-la, porque a manutenção desse ensino continuava a pesar, exclusivamente, sobre as autoridades locais (município, distrito) e sobre as indústrias existentes nas circunscrições respectivas, ambas esgotadas e sem vontade de se submeter a tão pesada sangria. Somente o nacional-socialismo conseguiu modificar a situação. Primeiro, unificando os vários tipos de escolas e subordinando-as todas à orientação de um único Ministério, — o de ciências, educação e cultura popular —, promulgando, finalmente em 6 de julho de 1938, a lei que torna obrigatória, para todo adolescente de 14 a 18 anos, a frequência regular da escola profissional. Mas isso, somente, depois de já estar há cinco anos no poder.

Essa lei era esperada há muito e não veio criar situação nova na Alemanha, porque a tendência geral era de proporcionar, a todos os jovens, os benefícios do ensino profissional e, tanto as municipalidades como os industriais, porfiavam em aumentar o número de escolas profissionais, depois do advento do Nacional-Socialismo.

Na Alemanha de hoje, o estado se apodera do indivíduo aos 6 anos, para só largá-lo com a idade de 21 anos. Sucede-se, nesse período, a ação educadora da "Hitler-Jugend", da escola primária, do ensino profissional ou secundário, do ensino técnico ou superior, do "Arbeitsdienst" e finalmente vem a escola máxima da disciplina alemã, a única que não sossobrou nos anos calamitosos de após-guerra — o exército, onde todo alemão tem que servir durante dois anos.

O N.S.D.A.P., como regime político totalitário, não se contenta, porém, com todo o indivíduo; precisa de todos para colocá-los no lugar em que possam prestar serviço útil ao Estado e ao povo. O bem comum antes do bem individual, e, por isso, tudo deve subordinar-se às necessidades da Nação ou reconhecidas como tais pelos poderes estatais.

Para tanto, será preciso, antes de mais nada, que cada um possua os conhecimentos necessários ao desempenho da sua missão. A falta deles, assim como a desidíia na sua aplicação, assume aspectos de verdadeiro crime contra a nação. Mas, para que o Estado possa exigir tudo isso, é preciso que ele, antes de mais nada, proporcione a todos a possibilidade de adquirir os conhecimentos exigidos.

Por isso, o ensino profissional no Estado nacional-socialista tinha que ser obrigatório.

Mas, de nada serviria a adoção de tal medida legal, se ela não se baseasse na pressuposição de uma elevada eficiência do ensino profissional, já existente.

E aí nos defrontamos com outro ponto de vista que nos parece ingênuo à primeira impressão, mas que é de um profundo bom senso. Não se admite que o ensino seja eficiente se ele não consegue proporcionar uma formação realmente adequada às necessidades da indústria, do comércio, da agricultura. Ensinar ao operário coisas que não o fazem progredir na sua profissão ou não possam contribuir para o seu aperfeiçoamento ético-social, é pura perda de tempo. Em consequência disso, a formação do profissional se faz pela profissão para a profissão.

Assim, a educação profissional alemã, coloca no foco de toda a atividade escolar do aluno, a sua vida profissional. Mas, surge, então, a dificuldade: como conciliar essa exigência com o ensino metódico e eficiente? Como proporcionar, ao mesmo tempo, a formação técnica sistematizada, mas sem se afastar da realidade da vida profissional, e os conhecimentos teóricos que são indispensáveis à compreensão da técnica das operações profissionais?

Mais sério, ainda, o problema de como proporcionar a todos uma formação adequada, respeitando, tanto quanto possível, todas as especialidades de uma atividade profissional tão diferenciada como é a da Alemanha?

A solução único, inevitável, fatal, para o primeiro ponto está no caminho seguido pelos alemães: A aprendizagem profissional ministrada na oficina, pelo mestre-instrutor, e o ensino teórico na escola, pelo professor-mestre.

Não se trata de examinar aqui como se traduz na prática este sistema. Queremos, apenas, garantir que os objetivos indicados são atingidos, plenamente, com a organização vigente.

O mestre que guia o aluno na sua aprendizagem é o operário da indústria, o gerente de estabelecimento comercial, o chefe de cultura agrícola, nos quais o Estado tenha reconhecido qualidades suficientes para o exercício desse mister de tão grande responsabilidade.

O professor que irá dar ao aprendiz a explicação de todos os fenômenos observados na vida profissional será, antes de mais nada, um homem que conhece bem a profissão, por já ter feito a sua aprendizagem e que, por outro lado, nunca perdeu o necessário contacto com ela, a-pesar-dos estudos pedagógicos, porque nas suas férias ou nos seus lazeres procura, sempre de novo, aproximar-se dos que vivem dentro da profissão.

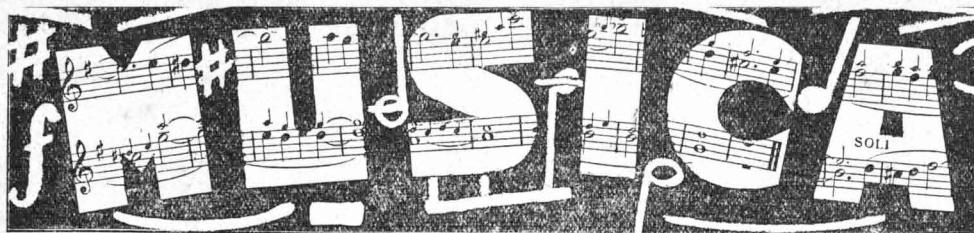
Com esse sistema, torna-se possível proporcionar a todos uma aprendizagem séria, eficiente, chegada à realidade industrial, comercial e agrícola da vida econômica alemã.

Fora dela, só mesmo orçamentos fabulosos conseguiram atender à manutenção das escolas profissionais para o milhão de adolescente que as frequentam, atualmente, na Alemanha.

Do ponto de vista técnico, vê-se, pois, que os objetivos do ensino profissional alemão são simples e práticos e a realização não apresenta dificuldades. Há, porém, um único problema que lhe causa embarracos: é a formação profissional dos jovens que não tem profissão certa ou então que a mudam constantemente ou ainda que exercem profissões que dispensam uma aprendizagem longa. Predomina, nos últimos anos, a idéia de ensinar-lhes os rudimentos de certos ofícios para os quais se possam transferir oportunamente. Existem classes especiais para os mesmos, que serão, porém, suprimidas futuramente, para incorporá-los às turmas de alunos que aprendem uma profissão determinada.

Procurando, pelos diversos examinados, preparar o aprendiz para o exercício eficiente de uma profissão, a escola não perde de vista que tem de servir à economia. Fecha-se, assim, o ciclo, retribuindo ao comércio, à indústria e à agricultura, sob a forma de auxiliares tecnicamente preparados, os sacrifícios que fizeram para a formação profissional da juventude.

A economia e a educação, entrelaçadas desse modo, não deixam de reconhecer a vantagem da colaboração mútua, que tem como finalidade o progresso do país e o bem comum da população.



Por VICENTE
FITTIPALDI

Balanço Musical de 1939

O ano que acaba de findar não foi lá muito propício para a boa música, no Recife.

É verdade que muitos concertistas (ótimos, bons, bonsinhos, etc.) andaram a encher os cartazes do Santa Isabel, mas é verdade, também, que o público, o respeitável público, disso não tomou conhecimento deixando os concertos, os concertistas e o Santa Isabel às moscas.

Quais os motivos dessa ausência? Que respondam os nossos sociólogos pois a coisa, creio eu, bem está a merecer a sua atenção. Que não é brincadeira não: a decadência do gosto artístico de um povo, quasi sempre é o arauto de outras decadências bem mais sérias e lamentáveis.

Mas, voltando ao assunto, vamos, pois, falar do que, neste amável Recife, nos foi dado ouvir em matéria de boa música em 1939.

Dois grandes pianistas nos visitaram graças aos esforços (e que esforços!) da "Cultura": Cláudio Arrau e Jorge Sandor.

Arrau — velho conhecido da nossa platéia — além da técnica formidável que possue — achou por bem exibir um "manerismo" dolçuroso muito ao agrado das mocinhas sentimentais, mas que tira à música o que ela tem de heróico e viril. Sandor foi, por sua vez, uma revelação: artista muito novo ainda, tocou com prazer, com sinceridade, sem "clichés", enfim, e com uma bravura masculina que entusiasmam.

Ainda trazido pela "Cultura", tivemos um grande, um autêntico grande violinista: Cillario, que, apesar dos seus 24 anos, revelou uma madureza de meios técnicos e uma nobreza de estilo, só encontradas em artistas como Kriesler, Hubermann e outros poucos eleitos. E, no entanto, com a técnica que possue, que coisas mirobolantes poderia fazer Cillario para embasbacar a indígena incauto!

Isso aconteceria, porém, si ele não fosse o nobilíssimo artista que é.

Três pianistas brasileiros dignos de destaque, aqui se exhibiram: Maria Guilhermina, Arnaldo Marchesotti e Ana Carolina. Três pianistas que, com Souza Lima, que aqui também esteve, contratado pela "Cultura" vieram mostrar o quanto vale a nova geração do pianismo nacional já tão cheia das glorioas tradições das Antonieta Rudge e das Guiomar Novais. Outros por aqui perambularam. De arte fraquinha e periclitante.

Mas se "defenderam". Apoiados nas "orações fortes" que são as cartas de recomendação "passaram" bastante bem as suas cadeirinhas e tocaram bastante mal seus programasinhos. Diga-se o mesmo das cantoras mais ou menos líricas, mais ou menos "de camera", mais ou menos folqueloristas, que aqui vieram ter, fortemente recomendadas.

A música sinfônica quasi nada contou no ativo musical de 1939.

Foram-se os tempos em que o Recife ouvia, graças a sua orquestra sinfônica, com uma certa continuidade, as suas sinfonias de Beethoven, as suas "Aber turas" de Mendelssohn, os seus concertos para piano e orquestra.

Alguma coisa desse gênero nos foi dada pela "Orquestra da P.R.A.8 que, infelizmente, vem cedendo, cada vez mais, o seu lugar à "Orquestra de Salão" que não está a merecer essa preferência.

A P.R.A.8, que tanta boa vontade tem revelado para com a boa música deve dar um pouco mais trabalho à "Orquestra de Concerto" que, bem ensaiada, é capaz, graças à competência de seus componentes, de nos dar momentos bem apreciaveis de música fina.

Em matéria de canto coral tivemos, além das costumeiras atividades dos orfeões escolares, um acontecimento devérás notável: a execução (enormemente prejudicada pelo mau tempo), numa das solenidades do Congresso Eucarístico, da "Missa Brevis" de Palestri na. Com uma força de vontade e uma capacidade de trabalho formidáveis — além do seu já conhecido pre paro técnico o Chantre Pompeu Diniz conseguiu de uma massa enorme de cantores, qualquer coisa que ficará nos anais artísticos de Pernambuco.

É pena que essa massa acrescida de uma orquestra e de alguns solistas, não tivesse sido aproveitada para a execução, no Santa Isabel, em espetáculo de gala, de um grande "Oratório". Teriam, dessa forma, proporcionado aos congressistas uma manifestação de arte a mais pura e elevada, e teríamos podido dar-lhes uma prova indiscutível das nossas verdadeiras possibilidades artísticas.

E foi — salvo omissões — o que de mais importante aconteceu, em matéria de música, no Recife, em 1939.

Resta, agora, que 1940 nos seja mais propício,

BRIC-À-BRAC

LIBERDADE

Desespero? Ao contrário: o relativismo em nós persuadindo que não podemos nada saber de transcendental sobre as coisas e nós mesmos, não nos deixa ao mesmo tempo a liberdade de escutar complacentemente as belas fábulas, pelas quais os físicos e os metafísicos explicam-nos o mundo e o homem? É uma porta aberta ao espiritualismo. Nada mais lirico e mais consolador do que o relativismo que, denegando o direito de nada conhecermos de certo do fundo das coisas, deixa-nos por ali a possibilidade de crer no que decididamente nos agrada, consola-nos, parecendo verdadeiro aqueles negócios do **cosmos** que escapam aos nossos sentidos. Permite-nos repelir as explicações materialistas enfadonhas. Nos declara aptos à todas as certezas, nos permite todas as esperanças, abranda a angústia do nada, pacifica-nos. Nos aconselha de acabar com os sonhos provados estérilis e daí nos induzir à ação.

Ozenfant

CLÁSSICA, BARROCA, MODERNA

A Arte clássica repousa essencialmente na relação de equilíbrio da essência e dos fenômenos, ou para melhor dizer, da harmonia do universal e do particular. Esta harmonia se expressava na arte clássica pelas formas naturais e de acordo com a natureza.

A Arte Barroca pela junção desharmoniosa, pelo predominio do particular, que se traduz na arte barroca pela exageração arbitrária das formas naturais e caprichosas.

A Arte moderna reside essencialmente na reunião harmoniosa do universal e do particular. Esta harmonia se traduz na plástica moderna pelas formas e pelas cores abstratas e de acordo com a Arte.

Téo Van Doesburg

A CONTRA-ARQUITETURA

Um sistema de tensão no espaço livre.
Mudança do espaço em urbanismo.
Nenhuma fundação, nenhum muro.
Separar-se da terra pela supressão do eixo estático.
Criar novas possibilidades de vida e uma nova sociedade.

F. Kiesler

CRÍTICA DE ARTE

A surpresa maior para o artista é descobrir as intenções que lhe são atribuídas além da obra de arte.

E o peior dos enganos é quando o artista passa a depender dessa miragem.

V. do R. M.

Meu Cântico dos Cânticos

MENELIK LUNA

“Este é o meu Cântico dos Cânticos”
que nasceu diluído em lágrimas na angustia irrevêlada
de minha vida
para celebrar a liturgia incompreendida
dos meus sonhos irrealizados,
que se imprecizam na cenário das dôres humanas.

E’ o Cântico de minha exaltação e de minha humilde, [dade],
bebido nas modulações agonicas das vozes-soluções
que se elevam ao Creador
na tormenta enorme da injustiça humana.

E’ o Cântico-lágrima que rolará aos pés do Senhor
como uma prece,
como um poema,
na divina encarnação de todas as dôres.

“Este é o meu Cântico dos Cânticos”
que eu senti vibrar na sinfonia-prece de minha alma,
extasiada diante de Vós, Senhor
que me ensinastes
ser o ebrio de todos os calices de amargura,
o mendigo de todas as coroas de espinhos,
e o sonhador insatisfeito de todas as Vias Crucis
na nostalga elegia de minha vida.

Ao Barulho das ondas

GILDO DANTAS

Não sei porque
O ar humido da praia
Me trouxe esta tristeza inquietante
Talvez fosse a lágrima de mãe
De esposa
De noiva
Vendo as barcas que vão e não voltam mais.

As árvores perfumadas sorriam.
Minhalma
Era uma antena eletrizada.
Senti o pranto do poeta cantor
Na canção — Felicidade tu partiste.
Eu fui dizer às flores meus pensamentos
Quando as ondas se quebravam
Mas o barulho impediu que falasse.
E minhas queixas ficaram vagando no ar,
Porque não encontrei um coração aberto.

A noite escura
Era o crepe das esperanças mortas
Eu vi no meu destino certo
E muito ao longe
O porto alegre que me chama sempre.

CONSOLAÇÃO

Firmino C. de Figueiredo
(1840-1914)

*Surge a estrela formosa
Pelo espaço transparente;
E em breve a nuvem pesada
Tolda-lhe a fronte luzente.*

*Meiga a lua vagarosa,
Terna campeia no céo;
Mas, em breve a atmosfera
Cobre-lhe a face co'o véo!*

*Nasce o sol e vai crescendo
Cheio de vida e de luz,
Lá descamba atraç da serra
E a tarde a noite conduz.*

*Tudo tem o seu destino,
A estrela, a lua, e o sol;
Tudo definha e se acaba,
Todos teem o seu arrebol!*

*É do céu lei sacrosanta!...
Soframos todos o córte,
Após os gozos da vida
Sucede o gêlo da morte!...*

DUAS ROSAS

Qual das duas a mais bela,
Daquelas rosas gentis?
Ambas tesouro de encantos
A brisa passando diz!
Da mesma origem nascidas,
Espargindo o mesmo odor;
São irmãs, juntas cresceram,
No mesmo ramo nasceram,
Do mesmo sol ao calor.

Duas estrelas fulgentes,
No mesmo céu a brilhar;
Reproduzindo nas vagas,
Novas estrelas no mar.
Duas conchinhas doiradas
Na mesma onda embaladas
Seguindo o mesmo caminho;
Duas rolinhas mimosas,
Cantando meigas, saudosas,
No calor do mesmo ninho.

F. C. de F.

Biopsiconogino

Por MONTEIRO (V. do R.)

uma



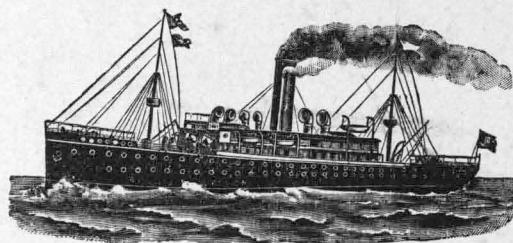
apontando na noite

indicava o caminho das
estrelas

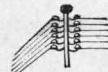
o velho ancião que a
Dafinis e Cloé conheceu
meditava ainda no
triste destino
da fantasia



enquanto as stars singravam
os mares na volúpia
transatlantica da
poesia



os espaços infinitos eram ligados por
fios de arianes que encurtam a
existência das flores



as rosas nos jarros como dentaduras
postiças chocalham
num riso hipnótico
a gargalhada misteriosa
da vida.



Gáver
Deve

O BRASILEIRO

Por Clovis Chaves

O brasileiro derivou de três raças de culturas diferentes, que reunidas em um ambiente cósmico comum, formaram um novo tipo de humanidade com características próprias cuja consolidação e unidade já se faz sentir.

Nos últimos decenios, novos afluxos de correntes imigratórias vindas de outros continentes e especialmente da Europa, parecem perturbar o ritmo da formação dessa unidade, principalmente quando se tem em vista a diversidade de localização geográfica dos diferentes núcleos raciais.

Mas devemos considerar que o meio telúrico é o cadiño de adaptação dos elementos raciais diversos e a raça e a cultura existentes servem de denominador comum aos diversos grupos recém chegados.

Os brancos de Portugal e da Europa, os pretos da África e o indígena nativo constituiram no solo da América do Sul o brasileiro que é portador de uma cultura que ainda se está formando, mas que já está bastante desenvolvida e que num futuro que não está longe resplandecerá numa radiosa civilização.

Os outros povos da América Latina completam e prolongam o brasileiro.

A vizinhança, a afinidade e a formação fizeram deles nossos irmãos.

Alguém já descreveu os característicos principais do povo brasileiro que o fazem diferir dos povos de outros continentes: agudeza de instintos e de inteligência, consequência, em parte, do cruzamento do branco e do selvagem; a bondade, própria de um povo novo e cristão cercado de uma natureza pródiga e amena; espiritualidade profunda; tenacidade na luta provada em quatro séculos de conquista e de esfôrços.

O brasileiro é dotado de intuição penetrante, de espiritualidade, de inteligência e de grande bondade.

Sua facilidade de compreensão é muito grande. Isso o torna capaz de receptividade intensa, fazendo-o imitar o que vem de fora, desde que haja ausência de espírito criador.

Nosso povo com todos esses atributos está destinado a ser, em tempos próximos, uma nação de primeira grandeza.

Devemos lembrar, porém, antes de considerações otimistas, as circunstâncias que parecem desmentir o futuro do Brasil.

Nosso país apesar de suas possibilidades tem sido até agora uma nação de segunda ordem.

A maioria de seus homens públicos, quando atuavam nas câmaras e nos partidos, revelava individualismo e mediocridade.

A maioria do povo não conhece o alfabeto e os que sabem lê não têm instrução adequada.

As nossas grandes cidades estão cheias de célicos, de indiferentes e de desiludidos que não creem na capacidade de nosso povo e julgam que somos uma sub-raça.

O materialismo dominou bastante o brasileiro do litoral e vai pouco a pouco entrando no interior numa tentativa de desfibrar a alma simples do homem telúrico.

O cinema, a moda, os clubs, o rádio e todos os elementos de progresso material empregados sem finalidade educativa de sentido espiritual e nacional vão aos poucos estançando o caráter brasileiro por não serem acompanhados de fatôres que os neutralizem. Até nas cidades do alto sertão do Nordeste, os vícios das grandes cidades começaram a penetrar. Campina Grande e Crato são exemplos.

Após a independência o Brasil tem vivido uma vida cultural artificial que se manifesta sobretudo nos grandes centros. Tivemos, por isso, no Brasil duas faces: a nação verdadeira, geralmente barbara e inculta, que guardou e conser-

vou suas características próprias, suas tradições e lendas, seu espírito simples e religioso e vive principalmente no interior esquecida da civilização cosmopolita das grandes cidades e um Brasil artificial, litorâneo e urbano, esquecido da terra e dos problemas nacionais, que se envergonhava do negro e do caboclo, enquanto a demagogia marxista não tinha feito agitação em torno dos mesmos, e cuja preocupação era imitar modelos e costumes de Paris.

Esse sentido artificial de nossa vida condenava ao desprezo os escritores e pensadores brasileiros de expressão própria e contrariava as aspirações naturais do verdadeiro Brasil. Durante certa época só se falou em autores estrangeiros. Os nacionais eram esquecidos. O que vinha de fora era considerado, sem exame, superior às coisas nacionais.

Diante disso quem estuda nossas possibilidades fica apreensivo.

Será que o brasileiro é um povo inferior, sem boas inclinações, sem espírito de união e de disciplina? Não. Os motivos são outros: defeitos de formação e causas exteriores que agravam os tais defeitos.

No século passado, surgindo como nação politicamente livre, o Brasil começo a absorver a onda de progresso material que dominou o século desenove. Povo jovem e inexperiente assimilou o que prestava e também o que não servia.

A inteligência aberta e a intuição penetrante do homem brasileiro, sem direção espiritual segura, tanto adaptariam o bom como absorveriam o mau.

Nossa formação que teve ótimos elementos, possuiu, por sua vez, fatôres que originaram defeitos agravados pelo liberalismo político após a independência e pela falta de originalidade das elites.

Viéram de Portugal para o Brasil colonial homens ilustres e famílias importantes. Os jesuitas fizeram no país um trabalho inegualável.

O bandeirismo paulista e a reação pernambucana contra a invasão holandesa constituíram episódios extraordinários da nossa história colonial.

O liberalismo político que predominou entre nós por mais de um século não satisfez as necessidades do povo que vivia dasde os tempos coloniais em grande liberdade, sem nenhuma organização e dispunha da amplidão da terra em cuja extensão a força e o mando das autoridades se diluiam.

Nos engenhos e fazendas dos tempos coloniais a distância e a falta de comunicação com as principais cidades e com a metrópole eram tais que os fazendeiros e senhores se transformaram em autoridades naturais que para se fazerem respeitadas tinham de usar grande energia e vigilância.

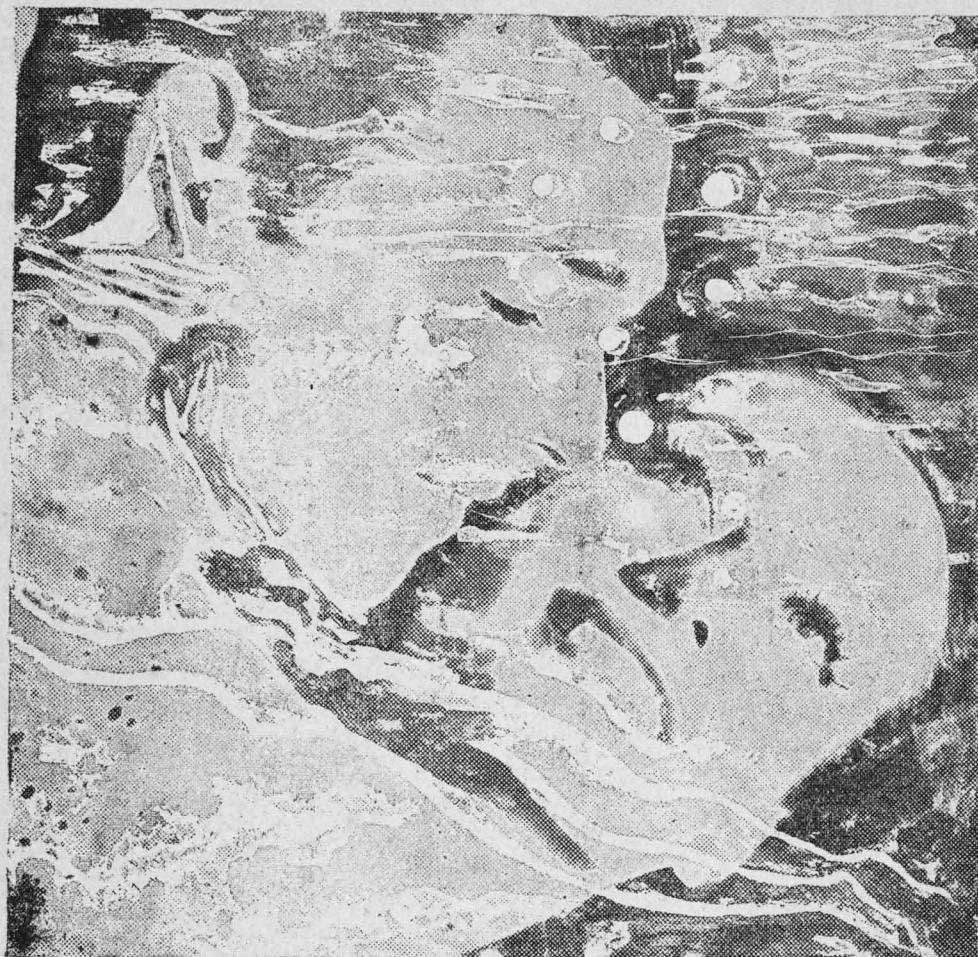
O homem vivendo na terra com inteira liberdade, isolado e sem organização que o protegesse adaptou-se ao sistema de mandonismo local gerador das oligarquias liberais.

No solo do Brasil não havia necessidade das formulas reclamadas pela Europa naquela época onde existiam ódios antigos, problemas diferentes e situações diversas. Não tínhamos entre nós o problema da liberdade como no velho mundo e sim necessidade de organização, de cooperação social e de iniciativas próprias impossibilitadas pelo choque dos partidos e por lutas individualistas.

A importação de costumes, o industrialismo recente e a falta de sentimentos nacionalistas na maioria das elites correu para o esquecimento das nossas tradições e para o enfraquecimento de costumes e princípios necessários à unidade e à força moral da nação.

No Nordeste, por exemplo, a criação das grandes uzinas de açúcar, diminuindo a importância econômica e social dos antigos engenhos e produzindo novas condições de vida econômica pela aglomeração humana em torno delas, supriu, em grande parte, a vida simples do nosso interior e correu para apagar tradições antigas e boas.

(Continua na página 28)



SINAL BRANCO NOS LIMITES DO CEU

Por Cleodon Fonseca

C

M casa, procurou em vão. Não viu ninguém. E parecia que tudo ia escurecendo. A cama, aquelas duas cadeiras, o calendário, o quarto, a paredes, tudo ia escurecendo... Era uma enorme sombra que até fazia medo. Ela chamou João Amado. Chamou e gritou. Mas ninguém respondeu.

Procurou a porta que dava para a praia. Saiu correndo pela areia, sentindo o vento frio pelo corpo... Ouviu uns gritos, umas vozes dizendo coisas que ela não percebia, mas aquilo só podia ser com ela e para ela. Olhou-se: estava completamente nua. Continuou a correr... Veio uma onda, levantou-se e desfez-se

em espumas que lhe molharam os pés. Agora, sentia as aguas, molhando os joelhos, as cônchas, o ventre, os seios... e começou a nadar. A jangada não ia longe. E ela chamou por João Amado, gritou por ele. O jangadeiro percebeu, olhou-a, mas não lhe fez nenhum sinal, como costumava. A jangada foi se distanciando... E João Amado olhava o horizonte, indiferente, como si não tivesse compreendido que Mariêta estava cansando e precisando dele. E a jangada foi se distanciando...

Mariêta gritou por ele, agitando-se nas aguas enraivecidas. João Amado nem se voltou: continuou

olhando o horizonte, equilibrado sobre a jangada que se afastava cada vez mais. Mariêta cansava... Não adiantava mais continuar. Inútil: era enorme a distância que os separava. Só voltando. Mas ouviu uns gritos, umas vozes, não sabia de quem, uma vozes chamando por ela. Ia voltar. Ninguem sabia que as suas lágrimas se confundiram com a agua salgada e se perderam, inúteis. Meu Deus! Duas ondas se separaram, ergueram-se, formando-se entre elas um abismo nas aguas agitadas. E Mariêta não teve forças: caiu, angustiada, confundindo-se, ouvindo ainda aqueles gritos e gritando, entre soluços que tentavam suplicar, no meio daquela confusão de vozes perdidas e ondas agitadas... Que angústia a de morrer assim, nua, sózinha, só porque João Amado foi ingrato e a deixou lutar com a furia do mar! (Continua na página 24).

PERNAMBUCO

HA' 70

ANOS

1870

A Província de Pernambuco naquela data contava 20 Comarcas, 34 Termos, 124 Distritos de Paz, 35 Delegacias de Polícia, 145 Subdelegacias, 2 Tribunais superiores e 71 Freguezias. A fôrça ativa da Guarda Nacional montava a 36 mil guardas, constava de 20 Comandos Superiores, 4 Corpos, 13 Esquadões, 5 Companhias avulsas de Cavalaria, 12 Secções, 69 Batalhões de Infantaria e 2 de Artilharia. Existiam na Província 269 escolas de instrução primária mantidas pelo Governo, e 126 particulares, as quais eram frequentadas por 12.500 alunos de ambos os sexos, e mais 4 escolas noturnas também frequentadas por 180 indivíduos das classes operárias e de diferentes idades. Além das escolas primárias tinha os seguintes estabelecimentos de instrução: a Escola Normal, o Ginásio Pernambucano; Colégio das Artes, a Faculdade de Direito, o Seminário Episcopal, o Liceu de Artes e Ofícios, 28 colégios particulares e 4 cadeiras avulsas de latim. A despesa feita naquele ano com a instrução primária foi de 286.880\$000 ou 13,1 por cento do rendimento da Província.

A renda líquida no decenio de 1860-1870 foi de 15.850 contos, e a despesa média com as obras públicas provinciais 30½ por cento da receita.

A rede de estradas de rodagem media uma extensão 292 quilometros. Quatro estradas principais: a de Norte, a do Sul e as duas centrais do Oeste da Província. A estrada do Norte ia à linha divisória com a Província da Paraíba. A estrada do Sul chegava ao Engenho Massangana, e tinha 2 ramais, um que ia até o Cabo e outra para Muribeca. Das 2 estradas centrais, uma chegava à cidade de Nazaré com ramal para Limoeiro e a outra com 2.003 metros além da cidade de Vitória, também com ramal para a Escada.

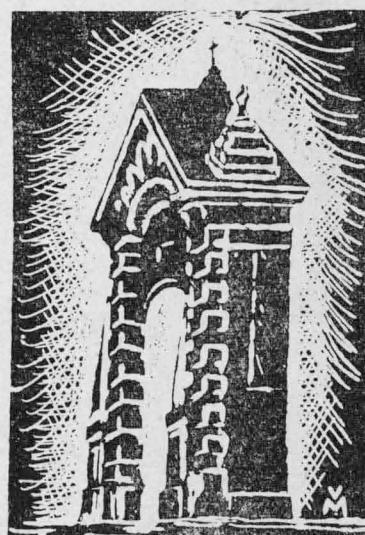
A linha ferrea de São Francisco, media em extensão 124 quilometros.

As linhas ferreas de Caxangá, Olinda e Beberibe eram de pequena extensão e ligavam a Capital a êsses subúrbios. A primeira tinha 13 quilometros de extensão, a segunda 8. O ramal que ia para Beberibe 4.700 metros.

A Província essencialmente agrícola contava mais de 1.500 engenhos. A exportação do açúcar durante aquêle ano, foi de 78.501.215 quilos, no valôr de 18 mil contos; a do algodão, de 13.500.000 quilos, também de 13.000 contos. A importação no exercício de 1869 a 1870, foi de 36 mil contos e a exportação de 36 mil contos. Entraram e saíram no porto da cidade, durante aquêle ano, 1.026 navios de longo curso e 2.730 de grande e pequena cabotagem. O rendimento da Alfândega regulava por cerca de 12 a 14 contos anuais.

Projetavam muitos melhoramentos entre êles e em execução o mercado público, o edifício do Liceu de Artes e Ofícios, o melhoramento do porto, as estradas de ferro de Limoeiro, Jaboatão e Vitória, de Itambé, e de Arraial; e as estradas de rodagem de Gravatá, de Pedras de Fogo, de Capoeiras, da Escada e de Muribeca.

A capital da Província tinha suas ruas calçadas pelo sistema de paralelepípedos e iluminadas a gaz. A cidade era toda circulada de cais e possuía muitos edifícios importantes, entre os quais se distingua o Paço da Assembléia de Pernambuco, a Casa de Detenção, Ginásio Pernambucano, Hospital Pedro II, Teatro, Alfândega, Arsenal de Marinha, Hospital Militar, Hospital dos Lazaros, Hospital Português, Paço da Câmara Municipal, Asilo de Mendicidade, Cemitério Público, Igrejas, etc. O seu comércio era assaz importante, tinha cerca de 1.500 estabelecimentos comerciais, muitas oficinas, diversas fundições, padarias, açougues, agências companhias de seguros, bancos e diversas associações benficiaentes e literárias.



ANTIGO ARÇO DE
SANTO ANTONIO

Demolido em 1917

Direito Novo

JORGE ABRANTES

ASSIM como há saudosistas de situações políticas, há os, também, de contruções teóricas e, em particular, de teorias jurídicas.

Os feitistas do velho direito choram como carpideiras e profetisam agourentamente a ruina de toda a ordem jurídica, cada vez que se referem aos novos aspectos que vem tomado a velha ciência "do justo e do equitativo", cada vez que ferem seus timpanos seculares expressões como: "direito novo", "novas diretrizes jurídicas", "direito moderno".

Seu mal é pensarem que as fórmulas são eternas.

Sobreviventes de uma época em que, mercê da inversão de valores então reinante, as ciências da natureza dominaram as ciências do homem, persistem no método otimista e absurdo de submeter as relações sociais ao império de leis "boas" e imutáveis como as de matéria, confundindo lamentavelmente, como o observa Miguel Reale (1), o mundo do "ser" com o do "dever ser". Sequazes, ainda, do velho Rousseau, Kant e quantos conceberam a sociedade e o Estado como unidade mecânica, abstrata, meramente jurídica (2), são os místicos das constituições rígidas e definitivas. Adeptos do antiquado racionalismo jurídico, amam as fórmulas teoricamente perfeitas e aparentemente eternizáveis, mas, no fundo, passageiras e vazias de realidade.

As fórmulas jurídicas não são eternas. A forma dessa matéria que são a exigência do bem comum, a regra moral, etc. (para usar de expressões do professor Jean Dabin) (3), não é imutável. O direito positivo, criação do homem e do Estado, reflexo positivo ou negativo — se assim nos podemos expressar — daquela direito natural secularmente combatido e hoje renascente, não pode pretender, formalmente, à existência de pirâmides quadrimilenárias.

Há algo de eterno no direito. São os princípios mais gerais, as normas imortais do direito natural, o velho e sempre novo ideal de justiça e essa perene aspiração de perfeição que caracteriza a passagem do homem sobre a terra.

Luis Delgado, na sua tese "Direito Positivo e Direito Natural", considera a sociedade entre dois planos do direito e compara-a a um crivo que deixa passar do plano superior para o inferior, do plano do direito para o da lei aquelas medidas que, em determinado momento, são julgadas compatíveis com o progresso social não representando contra elas nenhum perigo material ou moral". (4)

Repetimos a observação de Miguel Reale sobre a confusão entre o mundo da natureza, das causas eficientes ou do "ser" e o do homem, das causas finais ou do "dever ser". O direito é uma ciência do homem e da sociedade. O homem e a sociedade transfiguram-se através dos tempos, pois a marcha do espírito é uma revolução permanente. O direito também marcha, acompanhando a juventude eterna do homem. E a marcha do direito não é a evolução biológica das espécies, mas a própria marcha do espírito humano, num sentido de perfeição.

O direito, portanto, se renova.

E há, nos tempos que correm, um *direito novo*.

Todas as divergências podem surgir quanto à essência, ao conceito, ao mérito desse direito. Não existe nenhuma quanto à sua existência. E é sua fisionomia que pretendemos pintar, em poucos traços, nesta primeira parte.

* * *

Direito Novo é uma expressão geral, abrangendo um sem número de tendências. Iniciaremos, assim, características gerais e de um modo sumário.

Sabe-se que o liberalismo e o individualismo foram as doenças mais pertinazes dos últimos séculos. O velho direito foi, necessariamente, *individualista* e *liberal*, existindo em função do indivíduo onipotente, junto a quem apareciam como pano de fundo as outras realidades sociais, tais como a família, o município, a profissão, o próprio Estado. A autoridade, a hierarquia e a harmonia social sendo os imperativos dos tempos modernos, o indivíduo sofreu grande limitação de sua antiga importância e a sociedade é considerada não mais como um conjunto de átomos-indivíduos, mas de grupos a que os indivíduos naturalmente pertencem. O direito novo é, assim, *grupalista*. A teoria institucionalista de Georges Renard, Maurice Haoriou, etc., reflete essa tendência e é a negação do individualismo jurídico.

A filosofia individualista levou à concepção do Estado como um "mal necessário", introduziu a desconfiança e provocou, afinal, a luta entre aquél e o indivíduo. Essa antinomia determinou, no campo do direito, a revivescência da dicotomia jurídica romana, ou seja, da divisão capital do direito em público e privado. "Publicum jus est quod statum rei romanae spectat, privatum quod ad singulorum ptilitatem pertinet". Deve-se, como era de esperar, a hipertrofia do ramo privado e o direito civil frutificou admiravelmente, substanciando-se em estatutos do porte do código de Napoleão. Afirmado-se, modernamente, o princípio contrário do primado do social sobre o particular, o direito novo elimina aquela divergência, integrando o direito público e o privado, com a predominância do primeiro. "O nosso tempo — diz o professor Marcello Caetano, catedrático de Direito Corporativo da Faculdade de Direito de Lisboa — está a assistir à hipertrofia do direito público e a uma correspondente e irremediável decadência do direito civil". (5) E Mihail Manolesco, em "Le Siècle du Corporatisme", considera o *código social* de Mussolini uma construção tão bela quando o *código civil* de Napoleão. (6)

O liberalismo criou a miséria da exploração burguesa das massas proletárias. O velho direito — afirmamo-lo sem cair no erro comunista — refletiu "a ditadura injusta de uma classe" (7), foi, no fundo, um direito burguês, criando "códigos de classe". (8) O direito novo, visando à harmonia, ou, melhor, à extinção das classes, no sentido dialetico-marxista da expressão, não é um direito de castas privilegiadas. É, essencialmente, um direito de caráter social, impondo normas e concedendo prerrogativas, em pé de igualdade, a todas as forças sociais, na medida que desempenham uma função nacional.

A expressão *direito novo*, sob que se agrupam as modernas tendências jurídicas, umas existentes, ainda, como simples *idéas-fórcas*, outras já transformadas pelo senso realista em *idéas-fatos* — a expressão *direito novo* compreende outros aspectos assumidos pela ciência jurídica hodierna. Referimo-nos a alterações processadas mais no sistema de direito positivo e impostas pelas inelutáveis necessidades sociais do momento. Reportemo-nos, agora, por exemplo, a uma tendência dos tempos novos e manifestada, antes, no campo da filosofia do direito. Trata-se da reação contra o materialismo jurídico dos séculos passados, materialismo que Tristão de Athayde mostra ter-se processado através das fases da secularização, da nacionalização e da naturalização do direito. (9) Há uma série de grandes escritores modernos pugnando pela volta ao jusnaturalismo e à concepção integral do direito. Esses ideais, defendidos, entre outros, no Brasil, pelo citado escritor na sua "Introdução ao Direito Moderno", corresponde às tendências do direito positivo mo-

(Continua na página 29)

IRRIGAÇÕES

O problema das irrigações no Brasil em 1848

UM dos assuntos que mais interessa à futura prosperidade do Brasil, é sem contradição o das irrigações ou regas, e se fôr necessário prová-lo, bastaria alegar as sécas que todos os anos se manifestam neste ou naquêle ponto do império, e sobretudo na província do Ceará. Seria o Brasil o país mais rico do mundo se lhe prodigasse a natureza águas vivas com a mesma liberalidade que o inunda com os raios do sol, ou se essas águas fossem repartidas hábil e judiciosamente. "Se dois de calor multiplicados por dois de água, diz um grande agrônomo, M. Gasparin, produzem na proporção de quatro, quatro de calor multiplicados por quatro dágua produzem na proporção de dezesseis". Isto prova as imensas vantagens das irrigações nos países quentes. No Milanês, por exemplo, tem-se vendido a perticha de prados regados que chamam **mercites**, até mil libras, isto é, mais ou menos 2.200\$ o hectare, e uma onça dágua (2,185 metros cúbicos por minuto, o que chega para regar dois hectares e um terço em 24 horas) arrenda-se até 2.800\$, e vende-se até sete contos de réis. Enfim, diz M. Joubert de Passa, falando das irrigações na Espanha, que viu espaços menores que um hectare produzirem três milhões de pimentas que, ao preço de 500 réis o milheiro, deram um valor de 1.500\$, isto numa só colheita, e mais de uma pode ter lugar. Si se refletir que o sol tem no Brasil muito mais fôrça que no reino de Valença, poder-se-á ter idéia dos bons resultados das irrigações. Sendo quasi um axioma que esta prática cenuptula o valôr do terreno, deveria-se pois tornar no Brasil geral e popular esta arte, tanto mais que os fazendeiros achariam largas compensações às suas despesas, e muitas vezes poderiam até quando se tratasse de um canal que apresentasse vantagem ao comércio e à marinha, vêr associar-se o governo à suas empresas.

Não há ninguem que não entenda que a arte das irrigações é indispensável no Brasil, onde durante certo tempo há chuvas copiosas, e durante outro sécas prolongadas. Além disto, onde não há água não há prados artificiais, e onde não existem prados, mal se desenvolve o gado, a vida material é muito cara, as despesas de transporte imensas, e os produtos agrícolas apresentam-se com desvantagem nos mercados.

A arte das irrigações tem sua origem na mais remota antiguidade, ela muito contribuiu para tornar floriente o vasto império Assirio, e hoje não há nação civilizada que não trate de desenvolvê-la. A Italia, o berço da ciência hidráulica moderna, oferece, quanto à distribuição das águas e regaduras, obras que merecem ser consultadas por todos os governos.

Os antigos geponipos prescreviam três coisas para se dedicar com sucesso a esta prática: o querer, o poder e o saber.

Quanto à primeira condição, apesar de verem os fazendeiros a possibilidade de aumentar a sua fortuna, recuam quasi sempre diante de trabalhos que lhes pa-

Irrigações, nome mágico que nesses últimos anos com o advento do Estado Novo, veio dar um novo surto, uma certeza de melhores dias para a nossa agricultura.

Todavia, nunca se terá falado bastante sobre *um assunto que interessa à futura prosperidade do Brasil*, e curioso é notar que, já em 1848, este assunto palpitante era abordado nas sessões da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, do Rio de Janeiro, e comentado no órgão oficial da mesma "O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL". Damos, abaix, um artigo publicado no número 5.c, de Outubro de 1848, do citado órgão, extraído da "Revista Americana" sobre *Irrigações*.

recente insuperaveis, e assim rejeitam quaisquer inovações. Esta fôrça do costume é um dos maiores obstáculos ao progresso da agricultura, e somente se poderá removê-la quando os conhecimentos da ciência agrícola forem vulgarizados. Quanto à segunda condição — o poder, — refere-se às faculdades pecuniárias dos fazendeiros: nada se pode, com efeito, efetuar sem dinheiro; porém faz-se uma idéia exagerada das despesas que semelhantes obras necessitam, além de que em todas as circunstâncias elas se podem empreender por sociedades. Quanto à terceira, o saber, só ela é capaz de inculcar no espírito dos fazendeiros firme pressuposto, e dirigí-los com conhecimento de causa nos trabalhos que empreenderem.

Os prados naturais que não são de regadio vão todos os dias perdendo a importância que tinham, ao passo que os de regadio constituem sempre as terras mais preciosas.

A irrigação é sobretudo vantajosa nos lugares elevados onde há calor, e em que não há chuvas justamente quando seriam mais necessárias. É nêstes lugares sobretudo que os homens devem, para suprir a falta dágua atmosférica, recorrer às regas. A cultura mais proveitosa por via de irrigação é sujeita como a dos cereais e outras plantas a mudanças e afolhamentos; demais é sabido que a água contribue para o desenvolvimento das folhas, talos e outras partes moles do vegetal, do que para o das sementes ou grão.

Infelizmente a arte das irrigações requer a reunião de várias circunstâncias, sem as quais se tornam impossíveis, ou ao menos, de pouco proveito, o que vem a ser a mesma cousa. É, pois, necessário examinar estas circunstâncias porque a possibilidade das irrigações depende da posição, da forma, da superficie, e da situação do terreno; da abundancia das águas; enfim, dos trabalhos e despesas.

Os terrenos que mais aproveitam com as irrigações são os mais permeáveis, expostos ao sol, arenosos, e que, por serem elevados, têm algum declive. Os argilosos, e os de superficie completamente chã, não aproveitam tanto, e custam mais os trabalhos que neles se empreendem.

Quanto às águas, tôdas não podem ser empregadas, algumas encerram matérias nocivas; é preciso fazer-se um estudo delas. As águas doces misturadas com as do mar servem perfeitamente para regar prados, tanto mais que com isto aproveita o gado. As puras e limpidas, que saem dos rochedos graníticos, em geral

são boas; porém não assim todas as águas ferreas. Para se ter água é preciso muitas vezes nivelar terreno, abrir canais, construir diques, e até empregar máquinas hidráulicas.

A arte das irrigações encerra noções de agricultura rural; trata particularmente das regas com águas abundantes, que se obtém por meio de construções feitas de propósito em certa estensão de terreno.

Há duas espécies de irrigações: por inundação ou submersão, e por infiltração. Aplica-se mais particularmente a primeira para fertilizar os prados naturais e artificiais, engordando-os com o nateiro, ou conservando a terra num estado conveniente de humidade durante as temperaturas sécas e quentes. Pode-se empregá-las de preferência nos países meridionais para fertilizar os terrenos de lavra. A segunda espécie de irrigação por infiltração é muito favorável no verão à vegetação das plantas nas terras ligeiras e mui secas. As águas se aguardam com este fim em canais multiplicados, comunicam ao solo as suas propriedades fertilizadoras. Esta espécie de irrigação é própria também para provenientes dos paus ensecados. O que mais conviria na maior parte do Brasil é a irrigação por infiltração.

Qualquer fazendeiro, e até proprietário de simples sítio, pode fazer trabalhos de irrigação de maior ou menor escala.

Não falamos aqui das terras chás lavadas de águas, as quais requerem do lavrador senão conservá-las em caminhos para as dirigir aonde se tornam necessárias. Falamos aqui do sistema completo de irrigação. Pode ser este mui simples ou complicado, segundo a proximidade ou a distância da água, a facilidade ou dificuldade das circunstâncias. As mais difíceis requerem um sistema completo de irrigação, que se compõe: 1.º, dos trabalhos para tomar a água; 2.º, de um canal de derivação ou canal principal de irrigação; 3.º, de certa quantidade de adufas; 4.º, de rágos principais de irrigações; 5.º, de rágos secundários com sangraduras; 6.º, de rágos de ensecamento; 7.º, de adufas de despejo; 8.º, de diques laterais. Com os aperfeiçoamentos que ultimamente lhe hão dado diferentes agrônomos, tendo sempre em mira a aplicação que deles se pode fazer no Brasil, muito se poderá fazer, pois já é tempo de explorar essas minas que repousam no seio da terra e que são mais ricas que as do Perú e as do Oural.

CAMINHOS ERRADOS

Pe. Antônio Alves
(Da C.B.I.)

O cristão que observa atentamente o momento que passa, não pode deixar de se assombrar com a sua gravidade. Os acontecimentos se desenrolam no sentido de uma nova ordem de coisas. Ordem que se não pode vislumbrar por entre os clarões imensos que a fogueira da guerra projeta no céu escuro da Europa. Caminhamos para melhor ou para pior? O certo é que muitas esperanças nascem e muitas outras vão morrendo. Só uma certeza fica: a Igreja ficará. Não foi para salvar civilizações que a Igreja nasceu. Cristo morreu foi pelo homem. Não assumiu compromissos com civilizações de espécie alguma. Um grande clarinador da consciência católica, repele-nos com insistência: "A Religião cristã não se enfeuda em regimen temporal algum". A política da Igreja é o Evangelho. Os princípios que defende são eternos. Por largos que sejam os quadros de uma política, são sempre estreitos quando se trata de ajustá-los aos quadros eternos. O trabalho do cristão que sente a vocação política é alargar estes quadros no sentido da eternidade. Salvar também o que de eterno deixou Deus no homem. É detestável qualquer atividade que procure condicionar a vida da Igreja a circunstâncias políticas.

Por escuro que se nos apresente o quadro, confiamos que, mesmo debaixo do fogo, o mundo caminha para melhor. Não acusamos nações. Geralmente, estas são boas; maus e ferozes são os governos, como acentua Henri Barbusse. Confiamos porque esperamos que a lição desta luta seja mais proveitosa do que da passada.

Valery, em Genebra, depois da guerra de 14, teve esta frase: "Agora, nós compreendemos que as civilizações podem perecer". E também nós vamos sentindo em tudo isto um "Crepúsculo da Civilização". O dia de amanhã virá mais cheio de luz. As esperanças dos bons se realizarão. Foi para a luz que nascemos, porque o nosso destino é a Verdade. E esta brilha nos homens que acertam o seu caminho. Um pouco de reflexão mostra que os nossos caminhos estão errados. A sociedade não é um ente à parte, com responsabilidades distintas das nossas. Quando ela gema na espada e no fogo, paga os crimes que cometemos. Cada um de nós tem sua parcela de culpa. Voltaremos ao verdadeiro caminho, porque os nossos estão errados. Melhor, digamos sem subterfugios, sejamos mais cristãos. A sociedade definha porque vai longe da Vida. Ainda é tempo. Voltaremos, porque a Vida é sempre a Vida.

A nossa direção é a volta para Cristo.

A marca que
Simboliza uma série de artigos finos para homem
CONFECCIONADOS PELA
CAMISARIA
ESPECIAL

R. DUQUE DE CAXIAS.
231 — 235



MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Cimento — Ferro — Louça Sanitaria nacional e estrangeira — Mosaicos — Azulejos

CARVÃO CARDIFF E COKE

Produtos da The ARMCO International Corporation : Tanques para óleo e álcool, silos, bueiros, chapas para todos os fins, aços inoxidáveis, tubos, arames, folhas de flandres, produtos "CELOTEX", SOLDA "LINCOLN" etc.

Carvalho & Cia.

Fone 6130 Rua da Detenção, 61
RECIFE

COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

ÚNICA DISTRIBUIDORA DOS PRODUTOS DA FÁBRICA DE FARINHA PANIFICAVEL DO "IBURA"
Teleg. "MANBIOCA" FONE. 9569
ESCRITÓRIO
Avenida Marquês de Olinda, 277
RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

"YPIRANGA"

Tintas - Esmaltes - Vernizes - Composições
DISTRIBUIDORES
Albino Silva & Cia. Ltda.
Avenida Marquês de Olinda, 191
RECIFE
Fone 9272 Caixa Postal 167

NOSSA CAPA

STEFANO di Giovanni, cognominado Sassetta, nasceu em Siena no ano de 1392, falecendo em 1450, por ocasião de uma epidemia em Siena. Sassetta foi discípulo de Frei Paolo di Giovanni e sofreu da influência local do "trecento" de Siena.

Em 1427, foi encarregado de projetar a pia batismal para o Batistério de Siena, e em 1436 executou seu primeiro quadro para a "Osservanza" da mesma cidade. Em 1437 iniciou as pinturas do altar-mor da Igreja de São Francisco, em Borgo San Sepolcro, as quais concluiu em 1444. Suas obras principais foram realizadas em Cortona e em Siena.

A influência de Sassetta foi profunda nos seus discípulos, o que induziu a vários críticos atribuindo a Sassetta obras de Sano de Pietro e de Giovanni de Paolo. Somente nestes últimos anos ele foi identificado no seu justo valor. Pelo esplendor de seu colorido, pela sua rica imaginação, pela graça de sua linha, pelos seus trabalhos cheios de dignidade e profunda inspiração religiosa, Sassetta ficou sendo considerado como o mais talentoso e o mais poético dos primitivos pintores de Siena.

E & V.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O Governo Agamenon Magalhães e a Secretaria de Segurança Pública. — Imprensa Oficial Editora.

Do Ancoradouro ao Pôrto (Notas sobre a evolução do pôrto do Recife). — Editora: Diretoria das Docas e Obras do Pôrto.

Serviço Social. — Revista especializada de Serviço Social no Brasil. — Edt. em São Paulo.

Marinha, Periódico da Liga Naval Brasileira (Delegação de Pernambuco).



"O Patriarca da Independência"

Autor: José Bonifácio de Andrade e Silva
Editora: Comp. Editora Nacional (Brasiliana)



Desde crianças aprendemos que José Bonifácio foi o Patriarca da Independência. Esse conceito não deveria sofrer qualquer modificação pois o velho Andrada, o venerável cérebro da nossa separação política, constituiu naqueles tempos, aqui, no Brasil, a súmula, o resumo de todos os conhecimentos, e, é para nós destes inquietos tempos uma referência de ordem um padrão de inteligência e um exemplo de vontade.

Entretanto nas discussões que agitam os espíritos inquietadores, no choque dos partidários acanhados, tentando-se julgar os mortos com o esquecimento do meio e do clima ideológico e social próprios, para apreciá-los sob os atuais, a figura do velho Andrade foi também atingida pela onda iconoclasta, muitas vezes. Privaram-lhe de certos feitos. Roubam-lhe a glória. Não o compreenderam.

Achamos, assim, qualquer discussão em torno de José Bonifácio, pelo que devia ter sido ou pelo que deixou de ser, como inoportuna e anti-objetiva. Procuremos saber o que ele foi. Como viveu. Como agiu. Não queremos ser juizes, somente. É preciso não destruir e sim interpretar, como quer Fernando Mota. "Todo acontecimento social realizado, torna-se imediatamente um ponto de partida, estabelecendo uma intrassponível barreira e toda tentativa de regresso". disse um grande pensador. Confere.

II — O livro tem 433 páginas. 167 de ensaio e 266 de documentação. O seu autor é um descendente do Patriarca, e assim como era de se esperar prefere a opinião dos outros na conceituação do seu ilustre ancestral. Assim, justifica-se a enorme quantidade de citações.

Não tem qualquer índice. Nem prefácio ou coisa que o valha. Entra logo de cheio no assunto. Em capítulos pequenos. Em estilo fluente e algumas vezes afetado. Cheio daqueles lances antigos de imensos e inúmeros adjetivos, cobrindo muitas vezes ausência de pensamento. O seu objetivo, é fazer a apologia irrestrita do notável Andrada. Entretanto, colhemos boas informações, principalmente na documentação, sobre fatos históricos correlatos e em particular, para a compreensão do ambiente histórico da nossa independência política.

III — A figura de José Bonifácio está ligada à Maçonaria. Isso não quer dizer que se possa ligar sua obra à ação maçônica. É costume principalmente em gente maçônica atribuir todos os feitos, a glória de certas pessoas relacionadas com a maçonaria como sendo obra da organização do *bode preto*. É um furto. Um enorme latrocínio. Que não deve ser permitido.

Os vultos históricos em grande número figuram nos quadros maçônicos. Desse fato decorre uma imensa exploração. Mas, devemos assinalar o seguinte: a) as obras históricas daqueles vultos não são obra da maçonaria e sim pessoais, pois de certo modo a maçonaria parte deles, vai basear-se neles, recebe o prestígio, rotula, somente; b) a maçonaria na maioria dos casos, principalmente nos louváveis, não é a mesma, nem no sentido da atual, isto é, da geral maçonaria judaico-infernal. Qualquer organização secreta, era uma loja maçônica. Um instrumento. Um meio qualquer. No caso de José Bonifácio temos no livro que ora noticiamos uma citação autorizada que esclarece: "Parece que por um acomoda-

mento conservaram José Bonifácio Grão Mestre adjunto. Este não dava importância a essas coisas, servia-se da Maçonaria como um meio de reunir os homens para um fim..." Pg. 87.

Assim sustentamos que a maçonaria é simplesmente um instrumento nas mãos dos personagens históricos. Não ao contrário como muitos querem.

A presente digressão julgamos necessária com a notícia do livro sobre José Bonifácio.

Augusto Duque

"CANA CAIANA" - Ascencio Ferreira

Livraria José Olimpio - Editora.

ACABO de ler o livro de Ascenço Ferreira, "Cana Caiana", e comprehendi quanto ganha a sua poesia de ser conhecida sem o seu geitão de bom gigante da fábula. A poesia de Ascenço, no ambiente sereno do "home", revela-se e surpreende o leitor com todo o colorido das imagens que o "trobador" destroi conduzindo o audiente a uma mística momentanea.

Quando se extinguir a lenda medieval do "ménestrel" Ascenço, que cantava seus poemas para a diversão dos senhores feudais, com o desaparecer da voz do "trouvère", seus livros de versos ficarão para alegria intelectiva de uma idade mais culta.

M.

NORDESTE

O ferreiro malhando no tópo das baraúnas
Nas lombadas da serra o sol é de lascar...
Nem uma fôlha só fazendo movimento !...

— Nana ! ô Nana !
— Inhô !
— Chega me abanar...

Pouco a pouco, porém, vem vindo um frio lento
trazido pelas mãos de moça do luar...

Que gôso nos coqueiros acarinhados pelo vento !...

— Nana ! ô Nana !
— Inhô !
— Chega me esquentar...

(Extraído de "CANA CAIANA" de Ascenço Ferreira).

Constrúa a sua casa própria em pagamentos mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S/A

UZINA ARIPIBU' S/A

**Produção: 80.000
sacos de açucar**

**MUNICIPIO DE
RIBEIRÃO
PERNAMBUCO
BRASIL**

Sinal Branco Nos Limites Do Ceu...

(Continuação da página 17)

Os últimos gritos, ao longe, ainda lhe chegaram. Abriu a bôca para pedir socorro novamente, mas deu com as aguas, os braços foram enfraquecendo, as ondas abriram o abismo...

.....
.....
Quando Mariéta acordou, sobressaltada, seus olhos encontraram a calma dos céus...

Tinha dormido, ali, sózinha, perto daquela jangada. Felizmente, foi um sonho... E sorriu, livre, para o azul que se curvava sobre ela. Que sonho! Bem que dizia a João Amado que era melhor a pessoa sonhar coisa ruim, porque, quando acorda, não se decepciona. Bem que dizia...

Mariéta, lá vem ela...

E os meninos continuaram gritando, apontando o horizonte. Eram vozes parecidas com as que ouvira no sonho. Ela se levantou, sacudiu a areia do vestido e espiou o mar. Um sinal branco nos limites do céu... Era ela. Era a jangada de João Amado, que voltava. O sol, do outro lado, ainda entregava ao mar um pouco de luz que batia na vela alva, bem longe... Mariéta ficou espiando o horizonte... Ia contar o sonho a João Amado. Que sonho! "Ouviu, João, sonhei que você não queria mais saber de mim..." E ela sabia sabia que era tudo na vida de João Amado!

Os meninos continuaram gritando... apontando a jangada que voltava...

Mariéta não via mais ninguém naquela hora. E só ouvia as vozes que o vento ia levando... Passaram uns rapazes que vinham do banho, procuraram os olhos dela. Mas continuaram o seu caminho. O vento marítimo veio de longe, brincou nos seus cabelos, buliu no seu vestido. Ela continuou espiando a linha do horizonte, onde o sinal branco anunciaava que, quando a noite descesse, a encontraria contando, diante dos olhos risonhos de João Amado, o mais extravagante dos sonhos.

E quando descesse a noite, apagaria as cores das paisagens. Vinha escurecendo tudo, o mar, a praia,

LIVRARIA GUANABARA

D. F. Neves & Cia.

Papelaria — Tipografia — Pautação — Encadernação
Livros em Geral — Artigos para Escritório

Rua da Imperatriz, 292 — FONE, 3042

RECIFE — PERNAMBUCO

O PROBLEMA DO LAR OPERARIO

Dalmo Belfort de Mattos

(Continuação da pag. 9)

Como remediar a esta situação? Ela não é melhor no Rio de Janeiro. Aumentam, cada vez mais, as "favelas" — grupos de barracões de madeira e de lata, que enfeiam os "morros" da Capital Federal. Elas se estendem da Favela ao Morro da Mangueira, do Salgueiro ao Morro do Pinto. E descem, por vezes, até os fundos do Campo do Flamengo, onde a Prefeitura as vem demolir.

As condições pessimas de higiene faz com que o tifo e a tuberculose façam aí vítimas muito numerosas.

Apela-se para o governo. Mas seu auxílio não pode resolver diretamente o problema. Agamenon Magalhães lembra "fazer a casa e dar um aumento de salário correspondente ao aluguel ou preço de sua aquisição, a longo prazo". (Boletim do Ministério do Trabalho, n.º 60, Agosto de 1939).

Os Círculos Operários do Estado de São Paulo adotaram outro processo, com ótimo resultado. O Círculo do Ipiranga, p. ex., construiu uma série de casas, que seus associados pagavam gradualmente. E, várias vezes por ano, realizava-se um sorteio entre os sócios, cabendo ao premiado um prédio de alvenaria, coberto de telhas, no valor médio de 5:000\$000. (1)

Sabemos que o C. O. de Porto Alegre adota critério análogo. E, segundo Sandoval Canabrava, em artigo inserto no "Operário", de 26 de Novembro último, até em São Domingos, no extremo norte de Goiás, o Padre Guerino Lassafá tomou a iniciativa da construção de uma vila operária, baseando-se na prestação mútua de serviços de associados (pedreiros, marceneiros, pintores, etc.).

E, no próprio Rio, a Ação Católica constituiu uma Comissão encarregada do estudo do problema local, e a quem cabe apresentar sugestões adaptadas ao meio carioca.

São atestados vivos do quanto pode o catolicismo social em favor do operariado, trabalhando não só para seu aperfeiçoamento moral, como para seu bem-estar econômico, e tranquilidade social.

(1) — Cumpre notar que, de alguns meses a esta parte, o C. O. Y. suspendeu provisoriamente este plano, visto estar dirigindo todos os esforços para a constituição de um Hospital Operário naquele bairro industrial.

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

Exportadores de Café, Algodão,
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

LIVRARIA UNIVERSAL

Rodolpho & Pereira

Todos os livros didáticos editados pela LIVRARIA UNIVERSAL são de autores de reconhecida idoneidade:

Julio Pires Ferreira: — Gramática Portuguesa, 1.º ANO

Mario Sette: — Educação e Sociedade

Estevão Pinto: — História da Civilização, 2.ª SÉRIE

Conego Xavier Pedrosa: — Lições de Latim,

M. Cabral de Mello: — Mon Livre de Français (POUR LA PREMIÈRE ANNÉE)

Mota Filho: — Primeiro Ano de Latim

Waldemar de Oliveira: — Higiene,

S. de Albuquerque: — Analise Sintática, 2.ª, 3.ª e 4.ª

SÉRIES

Avenida Rio Branco — 50 RECIFE

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Todas as operações bancárias

OSCAR & CIA.

Tel. "BERARDO"

CAIXA POSTAL, 193
FONE, 9424

RECEBEDORES DE XARQUE E EXPORTADORES
DE AÇUCAR

EXCLUSIVOS DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS DOS

Laboratorios SPALT Limitada

REPRESENTANTES DA "MERIDIONAL" CIA. DE
SEGUROS ACIDENTES DO TRABALHO

Rua Vigário Tenório, 33 — RECIFE

CASA BANCARIA

Magalhães, Franco & Cia. Ltda.

Av. Marquês de Olinda, 104 — End. teleg. "MAFRA"

Capital 1.000:000\$000

CAMBIO — CHANGE — EXCHANGE

Compra e vende moedas estrangeiras, Cheques e travelers cheques. Saca sobre todas as partes do mundo, por via marítima, aérea e telegráfica. Abre Contas Correntes de Pecúlio, à Ordem e a Prazo ás melhores taxas de juros.

Defenda os seus interesses consultando as condições da Casa Bancaria — Magalhães, Franco & Cia. Ltda. para qualquer operação Bancaria.

OS TRÊS PRODUTOS DE FRATELLI VITA QUE GOSAM DO MAIS JUSTO CONCEITO



GUARANÁ — AGUA TONICA — GÁZOSA
FRATELLI VITA. — L. DA SOLEDADE, 1132
RECIFE

O SENTIDO NACIONALISTA DA OBRA ALENCARIANA

(Continuação da pagina 7)

ficaremos enfadados desse manacial riquissimo de sensibilidade. O oeste é o clima ideal para esse espírito, que, provindo das "alvas praias ensombradas de coqueiros" soube, como ninguem, descrever as convulsões das nossas florestas seculares.

O estilo quasi feminil de Alencar não condizia muito com o genio do homem; este sempre se revelou altaneiro e reservado, e dizem que, como criança, nunca se deixos exceder pelos outros. Dahi, a falada aristocracia do seu talento, privando-o desse intercambio com os outros homens, condição sobre que assenta o exito literário, científico ou artístico de quem quer que se dedique a tais atividades. Essa reserva, conhecida desde os bancos académicos, não era o egoístico retraimento dos seres torturados pelo orgulho ou vaidade. Possivelmente, uma atitude naturalissima do seu pendor para a meditação. E sobre a acerbidade do seu génio, basta a leitura de alguns trechos onde se vê que esse homem não nasceu para ser técnico de maldades. No entanto, citam as "Cartas de Arasmo" como bom modelo de crítica pessoal. O ridículo, a ironia, a perfíria lhe são armas fragilimas, com as quais mal se defende. Mas, dentro desse temperamento de fria polidez ática, morava um rebelde, um desabrido insubmissos ás zumbaias, ao espírito de grupo. Para isso contribuira-lhe talvez a ascendência combativa. Praticando o isolamento, ele reconheceu, como verdade inescrivível, o dito de certo filósofo, para quem o homem mais forte era em geral o mais só. E, no seu olhar de um brilhantismo invulgar, segundo narram os que tiveram a ventura de conhecê-lo, residiam todos os sinais de uma impulsividade em várias ocasiões manifestada.

Alencar se nos apresenta na história da literatura brasileira, numa posição simpática, pois, desconhecemos quem tenha sofrido mais decepções. Convicto do grande talento que dentro de si possuia, viu, por outro lado, armarem-se para combatê-lo, todas as mediocridades da época, e no meio destas, alguns homens de espírito que não puderam, em face das paixões do momento, apreciá-lo devidamente, como aconteceu a Joaquim Nabuco e a Franklin Távora.

Todo o grande valor da obra alencariana reside no seu brasileirismo, nas suas reiteradas afirmações de independencia, no processo local e humano das situações que desenhava. Isso quanto aos seus aspectos sociais e políticos, porque o lado artístico lhe era uma demonstração naturalissima de original talento, revelado em estilo único e inimitável. Falava-se em indianismos, como orientação mais regionalista que literária. Coube a Alencar torná-lo real expressão artística. E fê-lo sem afetação, conseguindo algo mais que o próprio Cooper, a quem atribuiam o papel de inspirador direto da obra indianista alencariana. Referimo-nos, é certo, ao papel do selvagem, que em Alencar surge em primeiro plano, num tratamento todo especial, atribuindo ao homem americano sensibilidade possivelmente fantiosa.

Mas, havia nesse grande romancista a faculdade de sonhar coisas belíssimas e pode-se dizer que com os seus livros começa a existir u'a mistica nacional, o desejo extremado de penetrar o nosso "hinterland", para sentirmos com a selva o gôsto pelo verdadeiro Brasil, livre de estrangeirismo e cheio de doçura tropical. Percebe-se na amenidade alencariana senso de medida extraordinário. Onde já se viu em nossas letras dizer coisas tão perfumadas, sem trivialismo? Esse filho do Ceará tinha a magia para tais processos. Deu-se com êle o inverso que acontece geralmente com os nossos escritores: a consagração do povo antecedeu á da critica empertigada e cheia de aforismos. Quando os historiadores da nossa literatura vieram a estudá-lo, como u'a das mais fortes expressões de inteligência, já milhões de mães brasileiras punham os nomes de Ceci, Perí, Ubirajara, Iracema nos filhos recem-nascidos. O indianismo tornara-se, enfim, idoneo; atingira a maioridade; emancipa-se. Ao sentimento nacional juntava-se agora o prestigio de uma arte literária desconhecida. Encontrava, finalmente, o indianismo, formula indireta do nosso nacionalismo, a sua roupagem, os delineamentos de sua personalidade: a obra alencariana. De simples aspiração, traduzida nas obras de Durão, Basilio da Gama, Gonçalves Dias, êle aparecia em todo o esplendor na "Iracema" poema genesiaco de nossa formação.

O Brasil, máo grado a entranhavel aversão da critica portuguesa, ia surgindo lentamente para o mundo, pelas mãos daquela "pastoral tupi", a que tão amorosamente se refere Araripe Junior...

(Conclue no próximo número)

AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

Exportadores
Cardozo Ayres & Cia.
PERNAMBUCO

Litografia
Tipografia
Fotolitografia

Encadernação
Pautação
Clicheria

DRECHSLER & CIA.
ESTABELECIMENTO GRAFICO FUNDADO
EM 1861.

Rua do Bom Jesus n.º 183. — RECIFE
Caixa Postal, 124. — F O N E, 9108
End. Tel : "CERES"

USINA MASSAUASSÚ S.A.

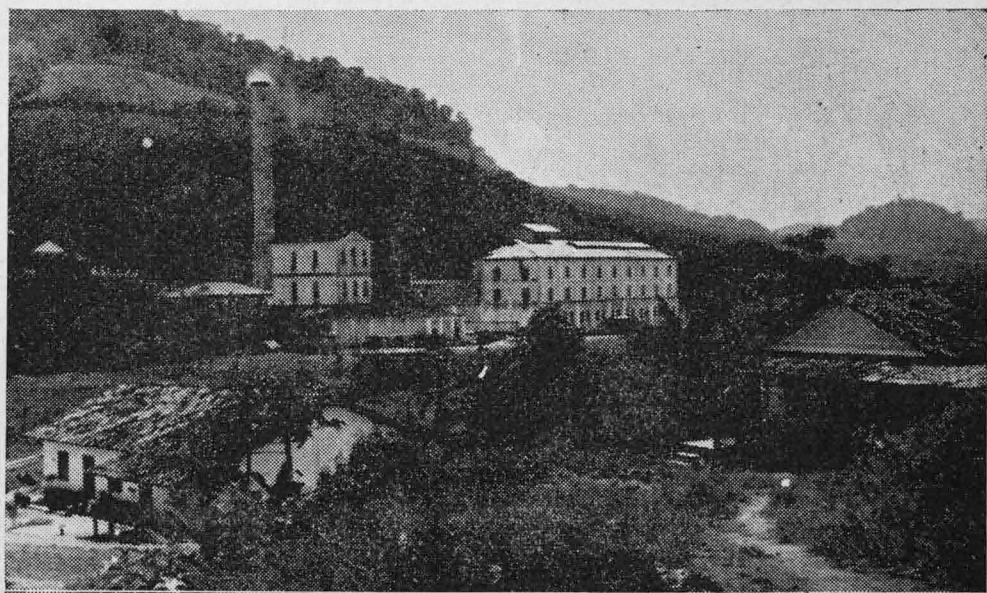
Dr. José Henrique Carneiro da Cunha.

Produção
de Açucar:
134.061 sacos.

Produção
de Alcool:
8.000 Litros
diários

—
ESCADA
PERNAMBUCO

ESCRITÓRIO NO RECIFE:
RUA MARIZ DE BARROS 161 — 1°



UZINA
CACHOEIRA LISA
Açucar
Granfina
Cristal,
DOROTHEU, ARAUJO & CIA.

M. CAVALCANTI & CIA.

LOUÇAS E VIDROS EM GERAL

Porcelanas, Agath, Cristais, Cutelarias, Artefatos de Alumínio para cusinha. Artigos de metal e para presentes. Faqueiros de prata.

O maior e mais variado sortimento, de fabricantes estrangeiros e nacionais, aos menores preços da praça.

RUA DA PENHA, 61-65

FONE 6358

Tel : MUNDIAL

R E C I F E



EMPACOTAMENTO: Rua do Apolo, 107 - FONE 9596

O BRASILEIRO

CLOVIS CHAVES

(Continuação da página 16)

Mas não podemos nem devemos impedir o avanço de progresso material, nem o intercâmbio com o estrangeiro. Isso seria absurdo e contrário à grandeza do país. E nunca poderemos, de modo absoluto, preservá-lo das influências más vindas de fora.

O que o Brasil precisa é de organização e de educação num sentido espiritual e nacional o que pouco a pouco vai sendo feito.

Dessa maneira nossas tradições serão cultivadas e conservadas e as más influências neutralizadas. Aliás, nos últimos tempos, o culto cívico tem aumentado no Brasil ao contrário de anos atrás.

É necessário que ao lado do intenso progresso material estejam grandes elementos espirituais e morais.

Ultimamente temos visto atitudes nêste sentido: diversos escritores, sociólogos e homens de governo tem trabalhado por uma nova orientação brasileira.

Novos horizontes culturais e trabalhistas se descerram no Brasil.

No terreno dos estudos temos uma corrente nova iniciada por Euclides da Cunha, Farias Brito e Alberto Torres que vem estudando a vida e as coisas do Brasil dentro de um sentido nosso.

É preciso que a mocidade estudiosa volte suas vistas para as realidades brasileiras. As nossas falhas e defeitos são devidas unicamente a erros de formação e de educação e também devido a circunstâncias accidentais possíveis de serem removidas.

Um povo com as qualidades que tem o nosso: dotado de bondade, generosidade e hospitalidade; capaz de entusiasmo nobre e de grandes sacrifícios; cheio de tenacidade e bravura diante das guerras e calamidades; com grande sentimento de família; possuidor de mais inteligência que o europeu, tendo dado grandes nomes no campo do pensamento, das ciências e das letras. Um povo desse só carece de educação, organização e compreensão de suas necessidades para atingir os mais altos destinos.

REFINADO

CATENDE

○ PREFERIDO POR SER

○ MELHOR

DIREITO NOVO

Jorge Abrantes

(Continuação da página 19)

derno, assim como a doutrina jurídica medieval correspondeu à organização corporativa vigente. "O direito — diz Tristão de Athayde — era uma expressão associativa, comunicativa, corporativa, como o mostrou Gierke, no direito medieval, cuja idéia central era a de *totalidade e unidade*, sem prejuízo da *personalidade*, e não uma expressão individualista como a que nela enxergou o materialismo jurídico, olhando apenas para a tradição romana do direito e essa mesma mal interpretada". (10) Assim, toda reforma jurídica moderna, se não quiser ser uma contradição de si própria, deve levar em conta essa tendência à concepção integral do direito e ao jusnaturalismo.

- (1) e (2) — "O Estado Moderno".
 (3) e (4) — "Direito positivo e Direito natural".
 (5) — "Lições de Direito Corporativo".
 (6) — "Le siècle du Corporatisme".
 (7) e (8) — Artigo em "Universidade" — Arnobio Graça.
 (9) e (10) — "Introdução ao Direito Moderno".

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Silvino LYRA

(Continuação da página 6)

E os conhecimentos por Ele conseguidos na sua meninice, conhecimentos que, desde a família foram iniciados e na escola se aperfeiçoaram num aumento proporcional, devem ser solidificados no órgão de classe, senão ampliados, com o intensificador do espírito de solidariedade e cooperação humanas.

Conhecendo realmente a sua personalidade, o indivíduo terá as forças necessárias aos embates naturais da vida, mesmo porque dificuldades outras que talvez por não se tornar possível vencê-las sozinho a cooperação entre os companheiros de profissão seria o necessário ao afastamento dos diversos obstáculos.

A família deve ser a preocupação de maior carinho desses órgãos, pois célula da Nação que é, não poderá ser jogada às vissicitudes.

E assim, o Sindicato terá uma ação eficiente, moralizadora, digna e terá realizado a defesa do bem comum social.

Nenhum desses aspectos poderá ser omitido, porque é preciso despertar o homem brasileiro, fazê-lo marchar, realizando a grandeza espiritual, moral e econômica da grande Pátria.

Quanto ao complemento das atividades exercidas pelos Sindicatos no Município, as Federações de bases estaduais e as Confederações nacionais o farão, para um entendimento perfeito entre os patronos e operários, empregados e empregadores, obreiros e capitalistas dos diversos setores da vida econômica, sobressair a Corporação, como o organismo diferencial e centro de gravitação harmoniosa, realizando o equilíbrio dos interesses antagônicos.

E sobre a pormenorização dos aspectos nomeados acima, em outros artigos far-se-á um estudo específico, mesmo porque seria tarefa difícil em uma síntese ligeira, realizar a exposição de todo o conteúdo do Sindicato moderno decorrente do Sindicalismo Corporativista Cristão.

CORTUME "SANTA MARIA"

PEIXINHOS — OLINDA — PERNAMBUCO
BRASIL

Andrade Irmãos

Produtóres de Verniz, Búfalo, Vaquetas, Couros e Tanino, Nacos, Pelicas, Mestiços e Camurças, Sóias, Raspas Envernizadas, Tingidas, Estampadas, Grossas para Soldados e Engraxádos etc.

Depósito á Rua Direita, 12 — Caixa Postal, 641 — Recife. Fabrica e Escritório: — Praça dos Peixinhos, 250

Teleg.: "MANDRADE"

Telefones: { Fab. e Esc.: 28.263 Depósito : 8.325 Códigos : { Mascote, Borges e Particulares

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 240 — Cx. 1.971

END. TEL.: — "KIVAN"

AGENCIAS NOS ESTADOS

BOLACHA

"SEM IGUAL"

Só quem a fabrica é a
PADARIA CONFIANÇA

Gomes & Cia.

Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUES DE OLINDA N.º 35
1.º ANDAR
RECIFE — PERNAMBUCO



— Também sou cego, quando se trata de servir — diz o Sr. Kilowatt, seu criado elétrico. Não cometo injustiças, nem sirvo de maneira diferente áquelas que de mim se utilizam menos. Tanto faz que me paguem muito ou pouco, meu serviço é igual para todos.

— Dahi minha popularidade e a estima de que me vejo cercado, porque, de facto, sou um camarada ás direitas...

Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.

Rua 1.º de Março, 106 - Fone 6750



O ENSINO PROFISSIONAL NA ALEMANHA

A educação profissional alemã não quer, apenas, formar o técnico capaz que garanta, facilmente, a sua subsistência e a de sua família, que trabalhe pelo aperfeiçoamento e progresso do seu ofício. Quer mais; porque quer dar-lhe, também, uma educação política que o faça discernir, claramente, as necessidades da nação, subordinar-se francamente e lealmente às exigências que o Estado lhe impuser pelo bem comum e defender-se contra quaisquer ideologias políticas prejudiciais à segurança da nação.

Ponto de partida é a reflexão de que a profissão é o elo que liga o indivíduo e a sua família ao resto da nação. Pelo trabalho é que o operário vive pela nação, e, desse modo, o trabalho adquire a significação de um serviço prestado à Nação.

Para lograr incutir essa noção aos jovens, procura a escola, ante de tudo, simplificar os estudos teóricos que o aprendiz precisa fazer, reduzindo-os ao mínimo, naquilo que for indispensável e suprimindo, completamente, o inútil. Em substituição, serão ensinadas matérias que focalizam a responsabilidade do indivíduo perante a sua consciência, perante a família, perante a tradição, a história, o partido, a nação e o "Führer".

É, porém, uma educação que não se confunde com as inuteis lições livrescas de moral e de civismo, porque parte do princípio que a formação do cidadão se opera mais simplesmente pela formação da sua vontade do que da inteligência. Trata-se de querer e de dever ser bom cidadão e de não deixar outra alternativa à escolha do espírito vacilante.

Por isso, a escola procura disciplinar a vontade do seu aluno, de tal modo que ele sempre se subordine e se enquadre no pensamento do Estado. Quer consegui-lo estimulando a obediência, a pontualidade, a camaradagem, a lealdade, o cumprimento do dever, no corpo docente e discente, porque é norma de toda a vida nacional-socialista, que o exemplo do superior deve preceder a toda a exigência imposta ao subordinado.

E é a escola profissional que se presta melhor ao desenvolvimento dessas qualidades. Ela é a escola da disciplina por exceléncia, porque o trabalho profissional disciplina, ao mesmo tempo, o espírito e a vontade, não permitindo que eles se percam nas regiões inacessíveis do devaneio ou da rebeldia inconfessada, pois exige, sempre, a objetivação material de suas concepções, o que não deixa margem para subterfugios ou tergiversações, visto as regras da técnica não poderem ser iludidas ou sofisticadas.

PALACE HOTEL

DOMINGOS MAGALHÃES

Praça Maciel Pinheiro, 330 — Hospício n.º 7
End. Tel.: Palaçotel — Fones: 2041, 2638

Água corrente em todos os aposentos. O mais higiênico do Recife.

ELEVADOR ELETRICO

Recife —

Pernambuco



FEMME AU CHAPEAU. Pintura de LHOTE — André Lhote é o mais clássico dos pintores cubistas franceses. Esse estudo de cabeça de mulher, de desenho seguro e colorido possante, figurou na exposição ECOLE DE PARIS, em 1930, no Recife, Rio e São Paulo e foi adquirido pela Sra. Penteado, para sua coleção particular



NEGRO EM REPOUSO, pintura de Loutreuil (1885 - 1925). Mauricio Loutreuil foi o chefe da Escola moderna francesa, dita do Pré-Saint-Gervais. As obras de Loutreuil figuram nas melhores coleções particulares e Museus da Europa.

Compra Tadeu Rocha
30/8/79